O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 15 DE MAIO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:360

A Crise Ministerial

Parecem cães a disputar um osso! E' a idéa que vem a quem, d'animo sereno, e liberto de paixões e interesses de facção, ler a imprensa ministerial e a imprensa da opposição. Cães esfaimados a disputar um osso!

A mesma baixeza, sempre!

Pondo, porem, isso de parte, a nós mesmo nos temos cançado de perguntar: mas porque ha de cahir o ministerio?

Somos republicano. E dos pouquissimos que merecem tal nome em Portugal. Mas, por isso mesmo que o somos, acima de tudo pomos os interesses da ordem, que são os interesses da patria e da democracia. O que existe para ahi com o nome de partido republicano não passa d'uma desaforada quadrilha. E' a canalha, a desordem, a anarchia. E' a bebedeira, a prostituição, a infamia em continuo exercicio. E' uma corja sem vergonha. E' um grande bando de pulhas. Sem nenhum amor da verdade, sem nenhum espirito de justiça. Falsos, hypocritas, charlatães, mentirosos. Tendo um unico fito: satisfazer vaidades, encher o estomago, rechear a bolsa.

Repetimos isto muita vez? *Delenda Carthago*, clamava constantemente Catão, o antigo.

A primeira coisa a fazer n'esta terra é restabelecer a ordem. Sem ordem não ha progresso, não ha liberdade, não ha vida possivel.

Este povo não está, nunca esteve, preparado para a monarchia constitucional, quanto mais para a republica. Foi um erro enorme dar-lhe o regimen constitucional antes de tempo. Erro de que talvez resulte a queda definitiva d'esta patria infeliz.

O absolutismo não era bom, não haja duvida. E o mal foi esse. Era um absolutismo brutal, bestial, selvagem. O mal foi esse. Se fosse um absolutismo illustrado e patriotico, não teria sido só um erro, teria sido um grande crime, n'aquella altura, derriba-lo.

Isto não era, isto não é povo preparado para a liberdade. E, assim, a urna foi o maior elemento de torpeza, de desmoralisação, de desordem, que veio a esta terra. Fugimos da tyrannia do rei para cahirmos na tyrannia do povo. Fugimos da corrupção, da intriga, da baixeza dos camarilheiros do rei para cahirmos na corrupção ainda peor, na intriga, na baixeza mais abjecta dos camarilheiros do povo. Gritámos: *odio, morte á hypocrisia dos ministros do altar*, e cahimos n'uma hypocrisia cem vezes mais revoltante, mais dissolvente, mais funesta, a hypocrisia dos tratantes que se dizem ministros da liberdade e apostolos do livre pensamento.

Aqui só ha um dever para quem for sinceramente republicano e sinceramente patriota: combater, por todas as fórmas, a mentira; fulminar, por todos os meios, a hypocrisia; empregar todos os recursos para o restabelecimento da ordem, e d'alguma sinceridade, e d'alguma verdade, e d'alguma justiça. E se combater a mentira, e se fulminar a hypocrisia, e se fazer opposição á desordem impõe o dever de castigar as quadrilhas monarchicas, impõe o dever, ainda maior, de castigar a quadrilha republicana. O maior crime d'esta terra, e o golpe mais profundo, mais terrivel, que sobre os seus interesses se poderia descarregar, seria fazer uma revolução para no logar das quadrilhas monarchicas collocar a quadrilha republicana. A republica deve triumphar com o paiz preparado e com o partido republicano purificado. Por isso, sendo nós republicano, não hesitamos em aconselhar a monarchia, procurando tirar d'ella, em favor da ordem e da educação nacional, o maximo proveito que as circumstancias permittam.

Dizemos isto muitas vezes? *Delenda Carthago*, dizia sempre Catão, o antigo.

Porque motivo ha de cahir o ministerio? O rei deve estar cercado de intrigantes, de ambiciosos, de creaturas — Fernando de Serpa bem o demonstra — que poem acima de tudo o seu interesse vil. E eis o perigo!

Porque ha de cair o ministerio?

O rei não deve sahir da legalidade, — já lh'o dissemos, — senão em ultimo extremo. Já lh'o dissemos, e temos, para lh'o dizer, a auctoridade que poucos mais terão n'este paiz. O rei não pode esperar razão e justiça dos partidos. Mas pode e deve espera-la da grande massa de gente honesta que está fóra dos partidos. E' claro que o rei, estando, como nós todos, mettido entre bandidos, ha de soffrer a guerra aberta d'aquella quadrilha a quem não der fatias do bom queijo a comer. Isso é evidente. Se o rei espera, resolvendo a favor d'este ou d'aquelle, que as quadrilhas prejudicadas façam justiça ás suas intenções, que a rataria, que ficou sem queijo, lhe entõe hymnos de louvor, o rei está doido.

Aqui não se trata de partidos. Aqui trata-se de quadrilhas. O rei favorece a quadrilha progressista? Tem á perna, ladrando e mordendo, furiosamente ladrando e furiosamente mordendo, todas as outras quadrilhas. Favorece a quadrilha regeneradora? A mesma coisa, da parte das outras quadrilhas. Quer Vossa Majestade ser cantado como um *grande rei*, o maior rei do Universo? Quer? E olhe que o não é só em Portugal. E'-o em todo o mundo. E cantado pelos revolucionarios, pelos discolos, que a maior gloria e a maior difficuldade está n'isso. Quer? Pois muito bem: abdique a favor do Bernardino!

Evidentissimo: a quadrilha ou as quadrilhas, prejudicadas na distribuição da refeição, atiram-se ao rei ameaçando, berrando, ladrando e mordendo. Mas teem razão? Se teem razão, mau é. Se não teem, adeante.

Se teem razão mau é, porque predispõem contra o rei toda a gente sobre quem a razão exerce ainda dominio. Mau é, rei de Portugal, mau é. Então, rei de Portugal, mau é!

O rei de Portugal deve contar com uma *unica força* a seu favor: a força da gente honesta, dos patriotas, dos amigos da ordem, emfim, dos que merecem, ainda, o nome honroso de portuguezes. E essa força, por menos que o pareça, é uma grande força ainda. Essa força está no exercito, no clero, na lavoura, na industria, no commercio, no funccionalismo, no proprio povo, e n'aquelles que teem verdadeiro valor intellectual, alliado a um verdadeiro valor moral, n'essas classes e em todas as mais da sociedade portugueza.

Essa força existe, rei de Portugal. E é uma grande força! Essa força é preciso anima-la. Ai do rei de Portugal, ai do paiz, se, porventura, chega ao coração de todos esses a convicção final — e dizemos final porque ella, em germen, já lá existe — de que todos os esforços a *favor da ordem*, da moralidade, da verdade e da justiça, são inuteis n'esta terra, que a elles quasi todos vae parecendo, de ha muito, terra *perdida*.

Ai do rei de Portugal! Ai do paiz!

O rei terá contra si todas as quadrilhas a quem não confiar os sellos do Estado e as chaves dos cofres do thesouro. Mas essas quadrilhas valem pouco, senhor. E' mais o barulho que fazem, e o medo que mettem, a berrar—e n'isso se fiam—que o poder e a força real de que dispoem. E haja vista o que succedeu com seu pae e João Franco. Mais um boccadinho de prudencia, sem excluir a firmeza e a energia, da parte de seu pae, e mais um boccadinho de tino e de habilidade da parte de João Franco, e seu pae e João Franco—não ha duvida para ninguem, nem mesmo para os quadrilheiros vis— teriam estoirado as quadrilhas.

No emtanto—dirá Vossa Majestade—más ou boas, eu tenho de manobrar com as quadrilhas, pois que não tenho na minha frente senão quadrilhas. E' certo, senhor. Mas é exactamente ahi que se requer da parte de Vossa Majestade patriotismo e juizo. E justiça, em relação ás proprias quadrilhas.

Quando este ministerio subiu ao poder, a camara dos deputados estava, *por todos*, formalmente condemnada. O mesmo pulha de bem Cabrito Macho, ou por essa occasião ou antes d'isso, achava, na *Lucta*, em artigo de fundo, ou artigo sério, se elle escreve artigos serios, e não em piadinhas, conveniente que ella fosse dissolvida. O rei D. Manuel, como o ministerio, encarou essa hypothese, certamente. O ministerio pedia ao rei a dissolução, antes de recorrer ao regimento, que tem meios de apaziguar os discolos? O rei, já o dissemos, não devia, nem podia concede-la, por isso mesmo que, como chefe do estado, tem obrigação de não recorrer nem deixar recorrer, sem estarem exgotados os recursos legaes, aos meios violentos. A grande acção do rei deve consistir em coagir os governos ao cumprimento do dever. E o primeiro dever d'um ministerio é observar a lei rigorosamente. A lei, só por si, basta, quando executada a sério, a valer, para metter a ordem no paiz.

O ministerio pedia, com as camaras fechadas, a dissolução das cortes, poucos dias depois de ter pedido um adiamento? O rei negava-lh'a. Era o seu dever. Porem o ministerio vae ás camaras e acaba de se mostrar a impossibilidade d'elle governar com a actual camara, embora tenha n'ella maioria? O rei concede-lhe a dissolução, porque é, então, o seu dever.

Mas o ministerio tem medo d'ir ás camaras, se é certo o que se diz? Então o rei abre-lhe a porta e é pena que, ao expulsa-lo, o não possa correr a pontapés. Porque um ministerio que foge com medo das invectivas do Affonso Costa, do Egas Moniz e do Centeno, ou seja de quem fôr, é de tal forma pusillanime que só merecerá ser corrido a pontapés.

O que é necessario é que o rei se ponha no campo da logica, da verdade e da justiça. O que é necessario é que o rei não dê, em caso algum, força aos chinfrins parlamentares. O que é necessario é que o rei não deixe subsistir a arruaça como governo e lei d'este paiz. De modo algum, senhor, de modo algum! Isso de modo algum! Ou está perdido o throno e o paiz.

Em Portugal já não ha senão duas forças: a força da ordem e a força da desordem. Quer o rei levar o desalento a quantos militam a favor da ordem?

O rei nunca terá do seu lado, senão como elemento momentaneo d'especulação, os partidarios da desordem. Os unicos elementos solidos em que o rei se pode apoiar são os elementos d'ordem. Ora esses elementos são todos declaradamente oppostos á queda do governo n'este instante.

Nós, pelo que nos toca, não temos nenhuma sympathia pelo governo progressista. Nenhuma! Basta elle ter sido o *rehabilitador* do Borracho. Por outro lado, não temos o menor motivo para embirrar, particularmente, com a quadrilha regeneradora. Mas desde que esta quadrilha tem feito, mais ou menos, causa commum com dissidentes e republicanos, desde que acceitou agora, na questão Hinton, o commando supremo do malandrão Affonso Costa, desde que a sua subida ao poder seria a consagração das arruaças do mercado de S. Bento, não applaudimos, não poderemos applaudir, que o rei vá negar a dissolução da camara ao governo progressista, para a conceder d'ahi a dois dias, porque assim lh'o impoz o Affonso Costa, o Egas Moniz, e todos os discolos que veem sendo a morte d'este paiz, ao governo regenerador, elevado por obra e graça do pau de bater *beefs*. Isso nunca, rei de Portugal, isso nunca! Basta de transigencias com a desordem. Basta de medo á anarchia. Que termine, por uma vez, o reinado dos assassinos de D. Carlos. Vossa Majestade não reina. Engana-se, se julga que está reinando em Portugal. Quem reina em Portugal, desde o dia 1 de fevereiro de 1908, são os assassinos de D. Carlos.

Quem fez essa camara, que Vossa Majestade tem tido tantos escrupulos em dissolver, e até certo ponto não lh'os censuramos, não foi a nação. Foram os assassinos de D. Carlos, seu pae, e de D. Luiz Filippe, o principe real, seu irmão. Quem mandou sempre n'essa camara, quem exerceu sempre n'ella capital influencia, quem fez e desfez successivos ministerios, não foram os honrados representantes do povo, não foram os patriotas, não foram os amigos sinceros dos principios. Foram os discolos que conspiraram contra a vida de D. Carlos, e que armaram o braço dos assassinos que, no Terreiro do Paço, dispararam sobre o rei, sobre os filhos do rei, sobre a mulher do rei, no proposito firme de anniquilar toda a familia real.

Basta, rei de Portugal! Basta! Perde-se um throno! Mas o que se não perde é a dignidade propria e a dignidade dos principios!

Não dizemos que Teixeira de Souza, apesar d'um bandido, tenha responsabilidades directas n'esse crime. Suppomos que não tem. Mas o que é certo é que a quadrilha regeneradora perdeu todo o seu caracter serio de quadrilha real, que tinha no tempo de Fontes, e que conservou no tempo de Hintze Ribeiro, para se converter n'uma reles quadrilha de demagogos e de arruaceiros pé descalço.

Mas o que é certo é que a unica quadrilha que, depois da morte de D. Carlos, conservou o decoro externo, ao menos esse, não se misturando com a quadrilha dissidente e a quadrilha republicana, foi a quadrilha progressista. Como ha de Vossa Majestade dar agora, e, demais a mais, contra a razão e a justiça, o predominio á quadrilha regeneradora sobre a quadrilha progressista?

Rei de Portugal, é preciso ser homem. Meditar a serio na situação grave, gravissima, que n'esta triste conjunctura atravessamos. E, succeda o que succeder, resalvar, atravez de tudo, o principio da ordem e do decoro publico.

Succeda o que succeder, venha o que vier! *Perca-se tudo menos a honra*, disse um rei desastrado, mas cavalheiroso, n'um momento critico da sua historia e da sua vida. Esta ignominia d'estar uma nação inteira á mercê de meia duzia, ou uma duzia, ou duas duzias de discolos, arruaceiros, garotos, canalhas, — porque é a canalhice e a garotice o que, sobretudo, os distingue e o que, sobretudo, lhes dá exito—impondo-se pela berrata, pela ameaça, pelo *banzé*, pelo pau de *bater beefs*, é que não pode continuar de modo algum! Venha o que vier! Succeda o que succeder!

Diz-lh'o um homem, rei D. Manuel, que não deve nada ás facções, que não recebe influencia de facção nenhuma, que não está ligado a ninguem, costumado a falar sempre rudemente, mas lealmente, e que pela causa da ordem e da verdade tem arriscado tudo, incluindo a propria existencia.

Succeda o que succeder, rei de Portugal! Venha o que vier! E' indispensavel resalvar, affirmar, impor, atravez de tudo, o principio da ordem e do decoro publico, ou este paiz é, definitivamente, paiz perdido.

Resposta a um Cigano

(Conclusão)

As provas documentaes de Junqueiro,—esmagadoras, como elle lhe chama,— foram:

1.º A famosa declaração do Liborio.

Guerra Junqueiro recebeu em 1906 um bilhete anonymo, accusando-o de ter enganado o rei com objectos d'arte que lhe vendera. Correu a Lisboa. Procurou o Liborio. Contou-lhe o caso. Pediu-lhe uma folha de papel e escreveu:

"Peço-lhe o obsequio de me responder ás seguintes perguntas:

1.ª Encarreguei-o alguma vez, por ventura, de vender qualquer objecto d'arte ao sr. D. Carlos?

2.ª Nas vendas de objectos d'arte que fiz a V. S.ª faltei a qualquer condição estipulada?

Liborio escreveu:

"Em resposta ás suas perguntas sou a dizer-lhe:

1.º—Que V. Ex.ª não me encarregou nunca de vender coisa alguma a S. M. El-Rei.

2.º—Que as transacções realisadas entre nós foram sempre regulares e liquidadas.

Isto, em favor de Guerra Junqueiro, não prova nada. E' evidente que Liborio, socio de Souza Nogueira, e cigano como elle, não teria a menor duvida em mentir para salvar o socio. Mas é evidente, tambem, que Souza Nogueira não *precisava* d'encarregar o Liborio de vender qualquer objecto ao rei nem de faltar *ás condições estipuladas*.

Pois se Guerra Junqueiro *encarregasse* lealmente, nobremente, abertamente o Liborio de vender qualquer coisa ao rei, para que precisava de pôr a mascara de Souza Nogueira?

Isto, repetimos, não prova nada em favor de Guerra Junqueiro. Mas, como já demonstrámos, pode *provar muito* contra elle.

2.º Guerra Junqueiro quer demonstrar que nunca foi Souza Nogueira. E, para isso, procurou dois empregados da casa Liborio: Manuel Augusto da Encarnação e Venceslau José Veiga de Barros. E escreveu aos dois:

"Peço-lhe o obsequio de me dizer se os objectos que eu mandava em tempos para casa do snr. José dos Santos Liborio, afim de serem vendidos á commissão, eram escripturados em meu nome.

Os dois responderam:

"No tempo em que eu estive como escripturario no snr. José dos Santos Liborio, todos os objectos entregues n'aquella casa pelo snr. Guerra Junqueiro foram escripturados em seu nome.

Mas os dois—confessa-o o proprio Guerra Junqueiro—não eram empregados, ao tempo, de Liborio. Elles falam ambos do *tempo em que foram empregados do Liborio*. Ora nenhum d'elles era empregado de Liborio, quando se deu a real ciganice, — real por ser feita ao rei, — do Liborio. Logo, as cartas dos dois não provam nada.

Como já dissemos, é claro que Guerra Junqueiro só foi Souza Nogueira para intrujar o rei D. Carlos. Sempre que não precisou de intrujar o rei D. Carlos foi o *glorioso poeta e eminente cidadão* Guerra Junqueiro.

3.º Para *provar* que os tapetes da Persia não *valiam nada*, Guerra Junqueiro publica 4 cartas. Uma de Alfredo Leal Liborio, conhecido tenente general republicano. Outra de Luiz M. da Costa. Outra de Bacri. E outra de Schutz. Como as que ficam atraz mencionadas, estas cartas, a favor de Guerra Junqueiro, nada provam. E contra elle provam muito. Provam, pelo menos, a enormidade do roubo feito a D. Carlos. Que o rei comprou o tapete persa, ou um tapete hespanhol como tapete persa, já sabemos. Que o comprou caro, carissimo, tambem é certo. Valiam pouco os tapetes persas n'essa epocha? Maior a enormidade do roubo a D. Carlos!

Essas 4 cartas, que tanto trabalho deram a Guerra Junqueiro, provam isso, e mais nada.

4.º Guerra Junqueiro publica uma carta de Victor Loureiro, já morto, carta escripta em 23 de dezembro de 1897, que diz:

Lisboa, 23 de dezembro de 1897.

Exm.o Snr. Guerra Junqueiro
Porto

O dinheiro dos tapetes remetti-o ante-hontem, e o das armas foi hontem por Credit Franco-Portuguez com ordem de o entregarem em sua casa. Caso porém não tivessem mandado, queira requisital-o da filial d'este banco.

Peço mande photographias dos cofres. [1]

Quando me escrever fará favor de dirigir a carta para "Empreza Liquidadora— Salão de Vendas„ e não Liquidadora Universal como costuma.

De V. Ex.ª
mt.o att.o e vened.
Pelo snr. J. S. Liborio

Victor Loureiro.

Quer Guerra Junqueiro provar com esta carta que *vendeu* os objectos ao Liborio e que não lh'os deu á commissão. Portanto, que não foi cumplice da maroteira, se *maroteira houve*, do Liborio.

Mas, em primeiro logar, a carta de Victor Loureiro é vaga. Que dinheiro foi esse dos *tapetes*? Que dinheiro foi esse das *armas*? Eram os *mesmos tapetes*? Eram as *mesmas armas*? Era *todo* o dinheiro dos tapetes e das armas? Era parte? Era dinheiro de liquidação? Era dinheiro dado á conta? Não se sabe. Em segundo logar, a desmentir as conclusões que Guerra Junqueiro quer tirar d'essa carta ha as terriveis presumpções que vimos nos artigos anteriores, e ha, sobretudo, a declaração formal de Marques Rosa, *unico* empregado do Liborio, hoje existente, que foi testemunha presencial dos factos.

São os *unicos* documentos que publica Guerra Junqueiro. E, como se vê, nada valem para o caso.

Por esta forma fica inteiramente liquidada a questão da ciganice feita ao rei. Ciganice monumental. Que representa uma tremenda pouca vergonha. E de que Guerra Junqueiro foi mais do que cumplice. Foi inventor. Foi auctor. Não temos sombra de duvida a tal respeito. E julgamos que ninguem.

* * *

O que resta? Ao pé d'este enorme caso, outros insignificantes, que nem perfilhámos, nem deixámos de perfilhar. Para nós, a grande questão, pois era a questão de vulto e a questão moral por excellencia, era a da formidavel intrujice feita ao rei. Atraz d'isso vieram revelações d'aqui e d'acolá, que, sem maior interesse, sem commentarios, fomos publicando. Eram verdadeiras? Não eram? Deviam sê-lo. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. Comtudo, não o affirmavamos. Não tinhamos elementos para affirmar. Não tinhamos elementos nem razões para negar.

E limitámo-nos á simples publicação das cartas que nos enviaram. Sem mais nada.

Mas é singular que sobre o caso da policia, por exemplo, insistisse tanta gente, e creaturas cotadas. Primeiro foi Gonçalves. Que era deputado progressista. Redactor da *Provincia* e do *Tempo*, se não nos falha a memoria. E amigo intimo ou companheiro devotado de Oliveira Martins. Depois foi Navarro, como vamos ver. E agora são ainda pessoas que militaram e militam no partido progressista e n'elle occupam logares importantes.

Navarro dizia nas *Novidades*, de sexta feira 7 de fevereiro de 1896, em seguida á publicação da *Patria* e referindo-se á *Patria*:

. . . . . .

Pelo que nos informam, o arcaboiço do livro é modelado, na disposição das figuras mascaradas que n'elle apparecem, pelo plano seguido no poema Romeu e Julietta, *do sr. dr. Patrocinio Costa, que n'elle metteu differentes personagens symbolicas, do seu tempo de Coimbra. Se obtivermos um exemplar da* Patria, *e valer a pena, havemos de fazer um confronto, que não deixará de ser interessante, sobre os logares parallelos. Apezar do sr. dr. Patrocinio da Costa só por desfastio ter trato com as musas, não juramos que os seus versos sejam inferiores aos do sr. Guerra Junqueiro. E com certeza são mais honrados e mais limpos. O livro a* Patria, *segundo nos diz quem já o leu, é o que em linguagem vulgar mas expressiva se chama uma* borracheira. *Mas borracheira de cerveja, que é de todas a mais pesada, a mais bruta e a mais suja. Dizem-nos que só de longe em longe— rari nantes—é que se encontram ainda alguns lampejos do talento superior, que caracterisava Guerra Junqueiro n'outros tempos, e que por um sestro ruim elle afogou em maus sentimentos e más bebidas para se fazer poeta latrinario, sua ultima maneira. Havemos de ler isso, e dizer, se valer a pena. Que talvez não valha.*

A inconsciencia do sr. Junqueiro na apreciação das suas proprias responsabilidades é phenomenal. Elle foi republicano, depois foi regenerador, depois foi progressista, depois tornou a ser republicano, e agora parece que está a descambar para anarchista. Não sabemos o que elle fez pelos outros arraiaes; mas do tempo em que andou pelos progressistas podemos dar testemunho. Os ministros d'essa situação, incluindo aquelles a quem agora dirige nomes feios, tiveram-n'o sempre como um serventuario devotado. Algum tanto pedinchão, mas firme. Se alguma vez lhe tivessem dado as botas a engraixar, estamos que não teria recusado para isso a escova da propria lingua. Na camara, onde teve assento, era um votante conscienciozo e ahi mesmo, e nas assembléas do partido, foi varias vezes um orador conspicuo. A posthéma, que elle agora vomita como insultos contra esses ministros, enguliu-a então inteirinha, como rebuçados de ovos, com muitos applausos e agradecimentos. Foi dentro do proprio peito, que a guloseima se lhe transformou em podridão.

D'essa epoca nos lembra, que o sr. Guerra Junqueiro, sentindo despertar em si irresistiveis e notaveis aptidões para rafeiro de policia —era já o virus latrinario— supplicou dos ministros progressistas, que o mandassem a Paris para se aperfeiçoar e illustrar nos mysterios e deveres da profissão do mouchard. *O governo, porém, ou porque tivesse dó d'elle, ou porque achasse demasiado salgada a sopa, que o rafeiro reclamava para sua sustentação, não deferiu ás suas repetidas e demoradas instancias. Talvez d'ahi lhe ficasse no sangue outro motivo de raiva, como lhe ficou contra Oliveira Martins por causa das reprimendas contra o abuso da cerveja. O que é certo, é que, depois d'isso, ouvir fallar em Paris, e em missões a Paris, foi logo causa para se pôr a espumar de furia. Aquelle corpinho pequenino é assim feito de grandes despeitos e incommensuraveis invejas.*

. . . . . .

Como se vê, Navarro volta a accusar Guerra Junqueiro de ter querido ir a Paris estudar, á custa do Estado . . . a policia *secreta*. E' que elle já palpitava o seu futuro mister de passador de *contrabando de guerra* e de heroe de *choças*. Parece que foi como *choça* que elle—bom camarada! — fez a apotheose do Buissa e do Costa.

E quantas espingardas velhas não terá elle impingido como novas,— de mais é uso da casa, —aos correligionarios?

E, depois, sempre accusado, tambem, de gatunar versos e ideias como de impingir cordões de latão por cordões d'oiro aos papalvos. Eis ahi

[1] Para que queria o Liborio as photographias dos cofres? Para publicar no *Salão de Vendas*. Como desconhecia, então, Guerra Junqueiro a existencia do *Salão de Vendas*? Como foi que elle **não leu** o *Salão de Vendas*?

o Navarro a accusa-lo de ter imitado o *Romeu e Julietta*, do Patrocinio da Costa. Tem graça!

Que não roubou os versos a Luiz Carlos, mas que foi Luiz Carlos que lh'os roubou a elle! É que Camillo se convenceu da injustiça que havia praticado! Mas como diabo repetiu Camillo a *accusação injusta* na 2.ª edição do *Cancioneiro?*

Ora leiam a carta interessante que esta semana recebemos sobre o caso. Leiam:

. . . Sr. redactor e proprietario do "Povo de Aveiro„.

Elucidando a questão das celebres *quadras da Cruz alta do Bussaco*, que ousaram alguns abelhudos dizer ser obra original d'um tal Luiz Carlos Simões Ferreira, já morto, por certo, pois que, do contrario, viria agora allegar da sua justiça, o grande poeta Guerra Junqueiro, "Chantecler„ da revolução na Parvonia, affirma no seu tremebundo arrazoado da *Patria*, de 23 de abril preterito, ter informado e capacitado Camillo Castello Branco de que os referidos *versos* eram muito e muito seus—d'elle Junqueiro—e não do trapalhão do Luiz Carlos, que com tamanha riqueza se havia abotoado escandalosamente. Assim que isto li e porque me occorreu que a conversa do Junqueiro com Camillo devia ter tido logar por occasião de ser publicada a primeira edição do *Cancioneiro Alegre*, ahi por 1879, procurei logo, logo, na segunda edição da mesma obra, feita em 1888, cerca, portanto, de nove annos depois e ainda em vida do auctor, cujo suicidio teve *logar* em 1890, a rectificação feita, necessariamente, ao engano havido na pequena noticia humoristica referente ao auctor da *Morte de D. João*, e que tão fundo o beliscava. Nenhuma alteração, porém, tive a dita de encontrar. A *charge* estava reproduzida na integra, abrindo o primeiro volume da segunda edição. Pasmei! Aquelle Camillo *convencido* e sem alterar uma virgula á calumnia que ousára fazer correr! Que grande maroto!

Que tambem o tal senhor Luiz Carlos Simões Ferreira, se bem que bacharel e redactor, que foi, segundo Camillo, no *Cancioneiro*, do *Instituto*, de Coimbra, e auctor de *alguns poemas bons*, impressos n'aquelle semanario desde 1862 até 1864, era um birbante de alto lá com elle! Quem assim rouba *quatro quadras* e de mais improvisadas, merece enforcado!

Que prejuiso para a familia, quero dizer para a importante questão de conhecer-se o verdadeiro pae... *das quadras*, a arrelia de ter desapparecido o tal "Almanach Democratico„ saragoçano de 1872! (1)

Quão facil seria provar, alem d'isso, que fôra o patife do Luiz Carlos (um *democrata* ainda por cima,) que para ali as havia mandado! Mas ha coisas... que nem de proposito! O Camillo, n'esta segunda edição do "Cancioneiro„, andou de muito má fé—e o Junqueiro mostrou em tudo isto das quadras uma grande alma de poeta em tudo que de humanitario fez depois. Evidenciava-se já um Tolstoi de primeira agua. Bem haja!

Para que, porem, de futuro, não se repita uma qualquer questão como esta das quadras do Bussaco, envio a V. duas copias, que me pareceu util tirar, no sentido indicado. Trata-se, nada mais nada menos, do que da lindissima poesia de Guerra Junqueiro intitulada "Fiel„, que vem incluida no seu livro *A Musa em férias*, sem designação alguma de que seja sequer "imitação„, ou coisa semelhante.

Ora um acaso qualquer pôz-me entre mãos um livro em que um tal sr. *Adolphe Destroyes*, um escrevinhador francez, auctor de varias coisas litterarias em França publicadas ha bastantes annos, conta a commovedora historia d'um certo cão, chamado *Mustapha*, que é, coisa estranha! exactamente a historia do pobresinho do *Fiel*, do Guerra Junqueiro. A differença é que *Destroyes* faz a coisa n'uma prosa correntia, que impressiona devéras pela sua propria singeleza, e o nosso poeta narra-a em versos dignos do caso e d'elle. De resto, a historia dos dois cães é a mesma, como se pode ver das mencionadas copias, que, para estudo dos leitores do *Povo de Aveiro*, remetto a V., se V. as julgar dignas de publicação, dando assim margem a que Junqueiro, querendo, venha provar a *prioridade* do seu trabalho. Estas publicações comparativas são sempre de grande utilidade — como se evidenciou na questão das quadras do Bussaco; favor que o Junqueiro lhe ficará sempre devendo, apesar de não lh'o reconhecer. Se não fosse o *Povo de Aveiro*, elle Junqueiro *nunca provaria* a paternidade legitima das alludidas quadras. Que elle faça agora o mesmo, porque a poesia, pelo pensamento, que é tudo n'ella, vale bem mais a pena!

. . . . . .

Junqueiro, *na sua defesa*, escreve estas singularissimas palavras, para as quaes chamo a attenção de V.

"*O embuste mais inacreditavel, se o enxertarem com destreza n'um odio politico ou religioso, tem logo seiva para alimento, deita vergonteas e dá fructos. E' o que acontece em Portugal. . . .*!

Com effeito, Junqueiro affirma uma grande verdade, pois que tem vivido intimamente e a viver continua, por sua desgraça, com os homens que, n'esta infeliz terra, teem tido por unica missão, até hoje, aquillo mesmo: enxertarem com destresa **os embustes mais inacreditaveis** em odios politicos ou religiosos. Os republicanos não teem feito outra coisa: a sua obra é aquella, aquelle o seu unico Evangelho — enxertarem déstramente o odio politico ou religioso. E fazem-n'o com a maxima impudencia, os miseraveis, certos de que ficam sem castigo e de que "a *coisa* sempre pega!„

Junqueiro denunciou-os. Fez, inconscientemente é certo, uma preciosa revelação, synthetisando n'aquellas poucas palavras toda *a vida intima*, todo o sentir e crêr, toda a historia dos progressos do seu honrado partido, nos ultimos annos.

Uma das provas mais flagrantes do que fica expresso, é que o "Pão Nosso„ (*Pão d'Elles* — a calumnia, a insidia, a inveja, o odio!) affirma do meretissimo juiz de Instrucção Criminal, doutor Antonio de Azevedo, como occorrido por occasião do regicidio. E' no ultimo numero do "boletim dos odios„ de Padua Corrêa, que a coisa vem. Recommendo-lh'a com o maximo interesse. Que santissima canalha!

X. Z.

FIEL

(Da *MUSA EM FERIAS*)

Na luz do seu olhar tão languido, tão dôce,
Havia o quer que fôsse
D'um intimo desgosto:
Era um cão ordinario, um pobre cão vadio
Que não tinha coleira e não precisava imposto.

Acostumado ao vento e acostumado ao frio,
Percorria de noite os bairros da miseria
A' busca d'um jantar.
E ao ver surgir da lua a palidez ethérea
O velho cão uivava uma canção funérea,
Triste como a tristeza ocianica do mar.

Quando a chuva era grande e o frio inclemente,
Elle ia-se abrigar ás vezes nos portaes;
E mandando-o partir, partia humildemente,
Com a resignação nos olhos virginaes.
Era tranquillo e bom como as pombinhas mansas;
Nunca ladrou d'um pobre á calça esfarrapada;
E, como não mordia as timidas creanças,
As creanças então corriam-n'o á pedrada.

Uma vez, casualmente, um misero pintor,
Um bohemio, um sonhador,
Encontrára na rua o solitario cão;
O artista era uma alma heroica e desgraçada,
Vivendo n'uma escura e pobre agua-furtada,
Onde sobrava o genio e onde faltava o pão.
Era d'esses que teem o rubro amor da gloria,
O grande amor fatal,
Que umas vezes conduz ás pompas da victoria,
E que outras vezes leva ao quarto do hospital.

E ao vêr por sobre o lodo o magro cão plebeu,
Disse-lhe: — O teu destino é quasi egual ao meu:
Eu sou, como tu és, um proletario roto,
Sem familia, sem mãe, sem casa, sem abrigo;
E quem sabe se em ti, ó velho cão do esgoto,
Eu não irei achar o meu primeiro amigo!„

No céu azul brilhava a lua etherea e calma;
E do rafeiro vil no mysterioso olhar
Via-se o desespero e a ancia d'uma alma
Que está encerrada, e sem poder fallar.
O artista soube ler n'aquelle olhar em braza,
A eloquente mudez d'um grande coração;
E disse-lhe: — "Fiel, partamos para casa;
Tu és o meu amigo, e eu sou o teu irmão.„

E viveram depois assim por largos annos,
Companheiros leaes, heroicos puritanos,
Dividindo egualmente as privações e as dores,
. . . . . .
. . . . . .

Passou-se mais um tempo; o cão, o desgraçado,
Já velho e no abandono,
Muitas vezes se viu batido e castigado
Pela simples razão d'acompanhar seu dono.

Como andava nojento e lhe caíra o pello
Por fim o dono até sentia nojo ao ve-lo,
E mandava fechar-lhe a porta do salão.
Metteram-no depois n'um frio quarto escuro
E davam-lhe a jantar um osso branco e duro,
Cuja carne servira aos dentes d'outro cão!
. . . . . .
. . . . . ,
Corroera-lhe o corpo a negra lepra infame.
Quando exhibia ao sol as podridões obscenas
Poisava-lhe no dorso o causticante enxame
Das moscas das gangrenas.

Até que um dia, emfim, sentindo-se morrer,
Disse: "Não morrerei ainda sem o ver;
A seus pés quero dar meu ultimo gemido. . . „
E arrastando-se quasi exhausto, moribundo,
Metteu-se-lhe no quarto assim como um bandido.

E o artista ao entrar viu o rafeiro immundo
E bradou com violencia:
"Ainda por aqui o sordido animal!
E' preciso acabar com tanta impertinencia,
Que esta besta está podre e vae cheirando mal!„
E, passando-lhe a mão caricio samente,
Disse-lhe com um ar de muito bom amigo:
"O' meu pobre Fiel, tão velho e tão doente,
Ainda que te custe anda d'ahi comigo.„

E partiram os dois. Tudo estava deserto.
A noite era sombria; o caes ficava perto;
E velho condemnado, o pobre lazarento,
Cheio d'immensas maguas,
Sentiu junto de si como um presentimento
O fundo soluçar monotono das aguas.

Comprehendeu emfim! Tinha chegado á beira
Da corrente. E o pintor,
Agarrando uma pedra atou-lh'a na coleira,
Friamente, cantando uma canção de amor.

E o rafeiro sublime, impassivel, sereno,
Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas
Com aquella amargura ideal do Nazareno.
Recebendo na face o osculo de Judas.
Dizia para si: "E' o mesmo, pouco importa.
Cumprir o seu desejo é esse o meu dever;
Foi elle que me abriu um dia a sua porta;
Morrerei, se lhe dou com isso algum prazer..„

Depois subitamente
O artista arremessou o cão na agua fria.
E ao dar-lhe o pontapé caiu-lhe na corrente
O gorro que trazia.
Era uma saudosa, adorada lembrança
Outr'ora concedida
Pela mais caprichosa e mais gentil creança,
Que amara, como se ama uma só vez na vida.

E ao recolher a casa elle exclamava irado:
"E por causa d'um cão perdi o meu thesouro!
Andava bem melhor se o tenho envenenado!
Maldito seja o cão! Dava montanhas d'oiro,
Dava a riqueza, a gloria, a existencia, o futuro,
P'ra tornar a ver o precioso objecto,
Dôce recordação d'aquelle amor tão puro.„

E deitou-se nervoso, allucinado, inquieto.
Não podia dormir.
Ao nascer da manhã o vivido clarão
Sentiu bater á porta. Ergueu-se e foi abrir.
Recuou cheio d'espanto; era o Fiel, o cão,
Que voltava arquejante, exanime, encharcado,
A tremer e a uivar, no ultimo estertor,

Caindo-lhe da bôca, ao tombar fulminado,
O gorro do pintor!

Guerra Junqueiro

(1) Parece que temos aqui outra grande intrujice flagrante de Souza Nogueira, pois a communicação que nos foi dirigida por pessoa competentissima, contemporanea em Coimbra e amiga de Luiz Carlos, communicação que sahiu no *Povo de Aveiro* de 6 de março, dá a poesia de Luiz Carlos como publicada **em 1862!**

MOUSTAPHA (1)

(HISTOIRE D'UN CHIEN)

J'ai connu au Havre un chien qu'on appellait Moustapha. Il était petit, boiteux, timide et sans grâce. L'œil droit crevé; l'œil gauche, resté intact, dégageait un fluide de sympathique falus, que je ne saurais dire; son poil, crépu et sale, devenait gris aux éxtrémités — comme usé par le chagrin et la misère. Au reste, il n'appartenait à aucune race de chien connue: à la fois basset, griffon et caniche, une superfétation du règne animal.

Il fut trouvé un soir, au coin d'une borne. Celui qui l'aperçu était ivre et avait le vin bon; il l'emporta dans ses bras, lava sa plaie et y mit du lange: le chien se laissait faire, n'osant lécher la main qui le secourait.

L'appareil posé, l'homme s'endormit.

Le lendemain, à son réveil, il fut un peu surpris de voir le chien, la tête tournée vers lui, et cherchand son regard. Il se rappela tout, pourtant, et, — comme il n'etait plus gris, — il voulut chasser la bête. Celle-ci devint si triste, que Robert [ainsi s'appellait le jeûne homme] lui fit une caresse et ne s'en inquiéta plus.

Le maitre et le chien vécurent ainsi deux ans, le premier en file de famille, le second en chien crotté, mais toujours unis: l'homme consentait à se laisser aimer. Du reste, l'affection du chien n'était point fatigante; il se tenait à distance, l'œil vigilant, mais ne provoquant point les caresses.

Deux ans passés le chien tomba malade: une maladie horrible. Le jeune homme ne voulut point se salir les mains, et comme il n'y avait pas alors l'hôpital de chiens au Havre, il résolut de noyer Moustapha.

Robert attendit un soir sombre, comme celuit où il avait ramassé le chien, et marcha avec lui jusqu'à la jétée. La mer était haute, le ciel sans lune; les vagues, pleines de reflets verdâtres blanchissaient en se brisant sur le mur; le vent d'automne les fouettait en siflant.

Robert mit une pierre au cou du chien, qui tremblait la fièvre, le saisit rudement et le jeta à la mer. Moustapha ne poussa pas une plainte; on n'entendit que le bruit sourd que fit le corps en tomband dans l'eau. Le jeune homme, un peu honteux, se pencha — *pour voir*; sa coiffure se détacha et fut emportée par le vent. C'était un bonnet grec, brodé par une main amie. Il chercha des yeux et ne vit rien que la cime blanche des vagues; il s'en revint tout attristé — *pour le bonnet!*

Il etait couché depuis une heure, lorsqu'il entendit gratter à sa porte. Il alla ouvrir. Moustapha se tenait sur le seuil — le bonnet entre les dents, appuyé contre le mur. Il était ensanglanté; l'eau ruisselant de ses poils aux couleurs étranges, se mêlait avec le sang et tombait sur les pierres; il etait beau à faire peur. Robert l'embrassa en pleurent et saisit le bonnet grec!

Moustapha regarda une dernière fois son maître, jeta un cri, cri de joie d'avoir été embrassé, ou de tristesse d'être si vite oublié—on ne sait—et mourut!

ADOLPHE DESTROYEZ.

(1) Transcripto na *Selecta Franceza*, de Moreira de Sá. Na ultima edição vem a pags. 150.

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

Preço da assignatura; 700 réis, franco de porte.

A Situação

Andavamos muito admirado com a linguagem dos jornaes da opposição e com a linguagem d'alguns dos jornaes do governo, o *Liberal*, por exemplo. Admirado e intrigado. Os jornaes da opposição davam como *certa* a queda do governo. Mas d'uma forma *tão positiva, tão cathegorica*, que não podia ser tomado á conta exclusiva de *balão d'ensaio*, especulação ou fanfarronada politica. Alguma coisa havia! Em alguma coisa se fundavam!

O *Liberal*, affirmando que o governo não cahia, deixava, comtudo, transparecer claramente a possibilidade da sua queda, ou por falta de confiança da coroa, ou por *acto espontaneo* do proprio governo. Não eram estas as palavras. Mas era esta a *idéa nitida*.

Ora nós, como toda a gente, comprehendiamos que o governo cahisse *se o rei o empurrasse*. E' vulgar. Mas não comprehendiamos que, ao fim de meia duzia de dias, póde-se dizer, de governação publica, o ministerio cahisse por . . . *querer cahir*.

Andavamos attonito! E intrigado!

Afinal, tudo se explicou. Por uma carta que vae n'outro logar, por um numero da *Palavra*, que nos mandaram, a fim de lermos o que, sobre o assumpto, o seu correspondente de Lisboa escrevia, por outras cartas que temos em nosso poder e que não podemos hoje publicar, vimos que o governo *não queria* ir ao parlamento. Que o governo *tinha medo* de ir ao parlamento Que alguns dos ministros não queriam *incommodar-se*. Que outros não *queriam ficar de mal* com os seus amigos republicanos e os seus amigos dissidentes.

Deixámos de andar intrigado. Mas continuámos pasmado! Mais do que pasmado, mais do que attonito. Assombrado!

Muita vez temos tido pena do pobre Camões. Muita vez! Da triste figura que tem feito, da triste reputação que esta choldra portugueza o vae fazendo adquirir no mundo. Porque Camões deve passar por um grande parlapatão, por um grande charlatão para toda a gente que por esse mundo alem tenha juizo. Por um grande intrujão. Bom poeta. Grande poeta, mesmo. Mas grandissimo intrujão. Uma especie de Gomes Leal, em grande no verso e em pequeno na intrujice. E em pequeno na intrujice, porque malandro, pulha, safado, biltre como o Gomes Leal, nunca existiu, nem poderá existir.

O verso *heroico* portuguez está na actualidade limitado ao Guerra Junqueiro e ao Gomes Leal. Guerra Junqueiro é o cigano que todos nós conhecemos. Mas, ainda assim, não tem a menor comparação com esse pulha safado, bandalho eterno, bebedo, caloteiro, devasso, gatuno, tudo, que dá pelo nome de Gomes Leal. Este é o verdadeiro *pendant* do Alexandre Braga.

Ora Camões, sem haver sido, de forma alguma, coitado, o cigano Guerra Junqueiro — se o tivesse sido garantimos que não morreria de fome — e muito menos o pulha ignobil do Gomes Leal, deve passar para o mundo, no emtanto, por um grandissimo parlapatão.

O quê? Pois esta é que é a raça por quem Venus se apaixonou e a quem Neptuno e Marte obedeceram? Pois esta é que é a raça que obrigou Jupiter a reunir os deuses no Olympo e a quem o deus dos deuses dedicou especial predilecção?

Esta?!

Ai, pobre Camões!

Esta?!

Não pode ser. Não ha degenerescencia nenhuma que chegue a tanto. Não se explica isto pela degenerescencia. Não pode ser. Camões exaggerou. Camões foi parlapatão. Camões foi charlatão. Nenhum avô intrepido, como esses que fizeram reunir os deuses em congresso e *emmudecer a antiga musa*, podia dar, por maior que fosse a degenerescencia, um Cabrito Macho, um Antonio José d'Almeida e um Villaça.

O Cabrito Macho é um honrado pulha de bem. Um honradissimo pulha de bem. Um homem virtuoso. Cavalheiro grave e sério. Entra de cordeirinho ao collo, como S. João, na immortalidade. Os vindoiros ainda hão de ver as megeras e as prostitutas ir-lhe dançar em volta da cova, em noite quente, d'aqui a cem annos. Mas, com tantas prendas e virtudes, não tem força, nem coragem, para deixar de gramar . . . os pulhas desavergonhados. Elle bem quer, coitado! Elle bem quer repontar! Ao principio faz má cara e diz insolencias. Mas, depois . . . masca, chucha . . . e grama.

Coitado! Não tem animo para mais.

O Antonio José d'Almeida é austero. Mesmo austerissimo. Orça por Catão. Mas... mata-o aquelle bondoso coração. Se visse o Çamorim triste deante d'elle, dava-lhe um beijo, punha-lhe as conquistas no regaço e vinha-se embora. Não sem subir ao alto dos mastros para dizer adeus... adeus... adeus... sacudindo o lenço branco, ao Çamorim, que ficava na praia, de saudade e amor choramingando. Emquanto o navio almirante não se apagasse na curva terraquea, elle sacudiria o lenço branco e enviaria beijos enternecidos ao pobre Çamorim. E quando descesse para o convez, ainda diria para officiaes e marinheiros: « Tenho pena do Çamorim, coitado! »

O Villaça é um homem honrado. Todo o ministerio é composto de *homens de bem*. Mas, coitados, aparam o jogo todo dos adversarios.

Os adversarios berram, ameaçam, quebram carteiras, erguem lanças? Elles aparam tudo. Parece mesmo que a sua missão não é outra. Aparar, gramar, é a unica missão dos *homens de bem* em Portugal.

De forma que estamos n'isto. D'um lado ladrões, gatunos, escrocs, cavalheiros d'industrias, *souteneurs*, tombadores de queixo, bebedos, pulhas. Pulhas desavergonhados, é claro. Do outro lado . . . pulhas de bem. Aquelles procedem pela activa. Estes, pela passiva. Aquelles comem. Estes gramam, chucham, aparam, emfim . . . são comidos. E' a missão dos *homens de bem* em Portugal. Dos mais puros descendentes dos que metteram medo a Marte e a Nepetuno. Dos que fizeram chorar Venus de admiração e de amor — e na admiração ha sempre amor. Dos que fizeram baixar, sobre elles, os olhos de Jupiter enternecido. Transigir. Estar quietinho. Fazer bichinha gata aos malandros. Dar-lhes pastelinhos e confeitos. Emfim, chuchar, gramar, aparar . . . ser comido!

A raça dos heroes! A parte mais pura, a mais nobre, da raça dos heroes!

No meio d'isto, quem não quizer ser pulha pela activa nem pulha pela passiva, só tem um recurso: fugir! Para fóra das fronteiras! Para longe! Bem longe! Se se suicidar, ou cahir na asneira de morrer aqui, ainda depois de morto é prostituido. A receita de Herculano: *Isto dá vontade de morrer*, não serve. E viu-se n'elle. Que importa, que importou Herculano ter sido um homem honrado em sua vida? Depois de morto foi pulha. Agarraram-no e fizeram-no pulha á força. E o desgraçado, inerte, mudo, não teve remedio senão . . . ser pulha como elles. No parlamento, nas conferencias, nas sessões solemnes, nos cortejos civicos, em toda a parte foi proclamado *urbi et orbi* que se Herculano fosse vivo seria... como elles. Se Herculano fosse vivo seria... d'elles. Pensaria como elles! Escreveria como elles! Falaria como elles! Seria republicano . . . como elles! O mais que lhe concedem é que não fosse como o Cunha e Costa, o Padua Correia ou o Margarido. Mas como o Brito Camacho, o Antonio José d'Almeida ou o Villaça. Isto é, que não fosse activo, mas passivo. E' o mais que lhe concedem, ao desgraçado!

Elles desacreditaram o Camões, que para todo o mundo não passará d'um charlatão com a sua cantata de . . . *Cesse tudo quanto a antiga Musa canta que outro valor mais alta se alevanta*. Elles prostituiram o Herculano que, depois de morto, fizeram *pulha*, á força. Elles prostituem tudo e todos que não fuja para longe, para muito longe, e não diga de lá, em testamento: *Se esses malandros disserem que fui portuguez, mentem!*

E não ha de a Europa, o mundo civilisado, o mundo que caminha, expropriar esta esterqueira, não já por amor da hygiene publica, mas por honra, pudor e brio da especie humana!

E agora, para terminar:

O' seu Beirão, porque não cahe o senhor, ao menos, com espirito? Quantos meninos tem o senhor ás suas ordens? Seis ou sete? Já lhe perdemos a conta e não queremos, porque nos enfastia, conta-los de novo.

Pois bem. Vocellencia compra seis ou sete cãesinhos e entra na camara com sete meninos e sete cãesinhos.

Os meninos teem medo do Affonso Costa, do Egas Moniz, e do Alpoim? Vão á camara pela corda, não é assim? Não lhes compre sete canzarrões, porque nem mil lhes tiravam o medo. Sete canzarrões seria ridiculo. Mas sete cãesinhos, é de espirito. A camara, as galerias, o paiz cahem a rir. O ministerio cahe. Mas, ao menos, cahe com espirito. E não cahe elle só. Cahe tudo . . . a rir.

Sete cãesinhos, illustre presidente do conselho. Vocellencia leva um, preso a uma corrente. O Villaça leva outro, ao collo. O Dias Costa dois, um em cada bolso das calças, com as cabecinhas de fóra. E o ministro da guerra outro, dentro do capacete.

Se não sabeis morrer a sério, poltrões, sabei ao menos morrer a rir.

Não podeis morrer como homens? Morrei como palhaços.

Já não ha o circo romano, em que se misturava a tyrannia e a prostituição com sangue e com pus?

Ha o circo portuguez, em que se mistura a lama das almas e das ruas, o lodo viscoso dos lupanares e o vinho reles da taberna com a boa piada dos histriões, cobertos de zarcão e alvaiade a avivarem-lhe as rugas da face, já fundas pela prostituição nata do espirito e do corpo.

Paiz de poltrões! Paiz de pulhas!

Fundo de propaganda

Commissão que recebe os fundos: (1)

Major Antonio Augusto Beja
Padre José Marques de Castilho, professor e director da Escola d'Ensino Normal
Francisco Augusto da Silva Rocha, professor e director da Escola Industrial.

Transporte do numero 1:359 . .	290$550
Manuel Gonçalves Maia (Porto) . . .	5$000
Anonymo (Porto).	1$000
Avelino Ferreira Pedro (Loanda). . .	1$000
Anonymo (Beja).	500
Anonymo (Aveiro)	3$860
Candido Ferreira da Motta (Evora). .	5$000
Somma	306$910

(1) Ou administração do "Povo de Aveiro„ que os entrega á commissão.

Correios

Terminou a syndicancia ao correio de Aveiro e dizem que se movem os maiores empenhos no sentido de evitar que o sr. director geral dos correios faça a justiça que o caso requer.

Não duvidamos. Isto é um paiz de insolentes e de covardes. De insolentes, quando se fiam na impunidade. De covardes, quando veem o chicote sobre o lombo. E não os ha mais insolentes, quando insolentes. Nem mais covardes, quando covardes.

Não duvidamos da empenhoca. Mas de que estamos certo, tambem, é de que não terá effeito junto do sr. conselheiro Alfredo Pereira, director geral dos correios

Não sabemos qual o resultado da syndicancia. Apurou crimes? Apurou irregularidades? Propoz castigos para esses crimes ou irregularidades? Tudo ignoramos. Sabemos, sómente, que é indispensavel, que é urgente, cada vez mais indispensavel, cada vez mais urgente, levar a ordem e o respeito ao seio das repartições dos correios e de todas as repartições em geral. E, por isso, é indispensavel que as syndicancias sejam attendidas e a opinião dos syndicantes acatada.

Não ha syndicancias severas em Portugal. Não ha syndicante nenhum que não esteja sempre disposto á benevolencia, senão á impunidade. Ora em cima d'isso deixar ainda de respeitar as opiniões dos syndicantes, e de acceitar as suas conclusões, é, decididamente, burlar a justiça e espesinhar a verdade.

Não queremos agora referir-nos ao caso do correio de Aveiro, pois, repetimos, sabemos muito bem que o sr. conselheiro Alfredo Pereira não attenderá as empenhocas, se as ha. Falamos em geral.

Frandulagem

Faz-nos sorrir, a frandulagem. Somos *desqualificado!* O *Povo de Aveiro* é *vasa!* Não temos *recursos litterarios!* Dizem elles! E mais de cem gazetas da republica não chegam para a nossa *desqualificação*, para a nossa *immundicie* e para a nossa falta de *recursos litterarios*.

Faz-nos sorrir, a frandulagem!

Mais de cem gazetas da republica, é verdade. Segundo o ultimo relatorio do directorio do partido, apresentado ao congresso do Porto, passam de cem os papeluchos partidarios. E nem um só, d'entre elles, deixou ainda de vir a campo apedrejar-nos. E se fossem só elles! . . . Mas as gazetas dissidentes? Mas as gazetas teixeiristas?

Aqui está uma d'estas, da Guarda, a quebrar tambem lanças para santa causa da *libardade*. Nós somos serventuario do clericalismo. A gazeta é anti-clerical decidida, antes do Teixeira de Sousa ir ao poder. E, então, bate nos clericaes e bate-nos em nós.

Lá para bater nos clericaes da Guarda, tem razão. Muita razão. Mas em nós, nem por isso.

D'aquelles lados da Guarda perguntaram-nos se nós queriamos arrancar a pelle a dois malandros, conhecidos pela alcunha de Alberto Silva, um, de Julio Ribeiro, outro.

Ora arrancar a pelle a malandros é para nós sempre um pratinho. Respondemos, pois, que sim. Immediatamente. Que sim. Mas os malandros, que conheciam, ao que se vê, o fraco dos clericaes da Guarda, que é o medo, ameaçaram: " Se a gazeta obscena d'Aveiro disser alguma coisa, vocês é que o pagam. „ E os clericaes da Guarda tremeram, agacharam-se, desfizeram-se em desculpas, ou pouco menos, e as informações . . . não vieram.

Eram elles que as offereciam? Não eram? Não sabemos. Mas parece que sim, pelos escrupulos e o medo.

Pois fizeram muito mal, amiguinhos. Quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Se não podiam com elles, deixassem-nos a nós, que os desfaziamos.

E assim ficam impunes os dois patifes. Temos uma idéa vaga de que um d'elles é um malandrão, que era coisa lá no *sello*, e que João Franco correu á vergastada, como gatuno ou pouco menos. Temos idéa! Que elle é no genero Arthur Leitão, não ha duvida. Porque o malandrim sente-se honrado em nós o descompormos a par de Guerra Junqueiro, d'Alpoim, de Bernardino Machado, de Teixeira de Souza, de Brito Camacho, de Antonio José d'Almeida e de Dantas Baracho, aos quaes, segundo diz, temos chamado malandros, pulhas, safados, ladrões, gatunos devassos, miseraveis, etc. Ora n'estas coisas ha um criterio sempre certo. Em um escriba se pondo á sombra de nomes *laureados*, é malandro. E em citando só nomes laureados, é malandro sem mistura. Ora o pintalgaio da Guarda cita só Teixeira de Souza e Alpoim, a quem temos, apenas, chamado bandidos. Cabrito Macho, a quem temos chamado, somente, *pulha de bem*. Antonio José d'Almeida, a quem nunca chamámos senão austero cavalheiro e bondoso coração. Restam Guerra Junqueiro e Borracho, o primeiro gatuno, sim, mas gatuno attenuado, e o segundo devasso, sim, bebedo, malandrão, mas propriamente gatuno, não. Gatuno, propriamente gatuno, o Padua Correia, o Cunha e Costa, o Ribas d'Avellar e o Arthur Leitão. Ora eis o homem do sêllo, o da Guarda! Ei-lo aqui! Porque não falou elle no Alexandre Braga, no Affonso Costa, no Cunha e Costa, no Padua Correia, no Ribas d'Avellar e no Arthur Leitão? Porque são esses os seus pares. Esses, que elle não citou! O João Franco não o metteu na cadeia. E elle agora arrota . . . *moralidade*. Bem feito, João Franco. Não fosses asno!

Este é um. O outro campeão da *libardade* e da *moralidade* na dicta cidade da Guarda, tambem não deve ser inteiramente desconhecido por nós. Pelo menos já conhecemos um garoto, que era pinto de silveira, e que tinha aquelle nome. Um grande gaiato. Será o mesmo? O outro alugava-se para serviços varios, e, alem de ser macio de mãos, tinha boa piada. Ora pelo pedantismo litterario da gazeta, pela pretenção do termo, deve ser o mesmo pinto de silveira, o tal gaiato de piada alitteratada, que conhecemos em petiz a roubar cedulas do bolso da gente, em confiança brejeira, e a chupar beatas. Deve ser o mesmo. Comtudo — resalvem-se os escrupulos — não affirmamos.

Mas deve ser o mesmo, sim. Segundo elles escrevem, os padres da Guarda parece que os accusam de terem deitado o fogo ao Paço do bispo, e d'ahi, provavelmente, o receio que os padres lhe tem. São os mesmos. Camaradas do Leandro. São os mesmos.

O *Dia* aconselha o governo a pôr ao rei a questão politica *antes de se abrirem as camaras*. Bem te entendo, compadre! E' governo em terra, porque o rei dará ao governo, — deve dar, — a dissolução da camara, aberto o parlamento e mostrada a impossibilidade do governo se entender com elle. Mas com a camara fechada o rei não dá ao governo — suppomos tambem — a dissolução, se lh'a pedirem, e n'essa hypothese faz o rei muito bem.

Mas se o governo quer cahir, porque espera esse estafermo? Ou quer, ou não quer. Se quer, que se vá embora já. Se não quer — e se tivesse brio e vergonha não fazia outra coisa — que espere que as camaras se abram, que se defenda resolutamente, e que ponha, depois, d'isso, a questão politica ao rei.

Que cambada!

Ninguem vê a trave no seu olho ...

O trocatintas do Mayer Garção comparava ha dias o rei Eduardo VII com D. Carlos, achando n'aquelle tudo bom e n'este tudo mau.

Meu trocatintas, a differença que você achou entre Eduardo VII e D. Carlos não era tamanha, ainda assim, nem tinha comparação, como a que existe entre o *grande parlamentar* Affonso Costa, por exemplo, e Asquith, ou entre França Borges, e mesmo você, e qualquer jornalista da Gran Bretanha.

Os trocatintas! Os birbantes!

Libaraes e Jasuitas

Não ha um unico leitor do *Povo de Aveiro* que não saiba, que não tenha visto, que o maior motivo da nossa indignação contra os bandidos que se dizem *libaraes* e *republicanos*, é a sua abjecta charlatanice e a sua asquerosa hypocrisia.

O absolutismo, como o jesuitismo, protegeram, sem duvida, grandes criminosos e sanccionaram grandes abusos. Mas se á sombra do liberalismo e do republicanismo, e protegidos, e sanccionados pelo liberalismo e pelo republicanismo, se commetterem os mesmos crimes e abusos e existirem impunes os mesmos criminosos, o que ganhou a humanidade em trocar o absolutismo e o jesuitismo pelo liberalismo, ou pela decantada emancipação religiosa e politica?

O padre era um elemento de desmoralisação por meio do confissionario e de toda a sua acção religiosa sobre uma sociedade crente. Mas se o medico, mas se o advogado, sobretudo o medico, que penetra no lar a toda a hora, exercer sobre a sociedade democratica a acção corrupta que exercia o padre sobre a sociedade religiosa, que vale mais o medico que o padre?

E' claro que ha medicos bons, muito bons, que não abusam do seu papel, que não prevaricam infamemente. Mas tambem havia padres bons e muito bons, que exerciam uma acção salutar e benefica no meio em que viviam.

O que isto quer dizer é que não nos devemos prender ás formular, nem ter, de modo algum, o fanatismo das formulas. E muito menos dos partidos. O que devemos é atacar a perversão, a corrupção, a hypocrisia em qualquer parte que se encontrar. Isto é, ter sempre em vista a *verdade*, que é o fim supremo de toda a arte, de toda a sciencia, de todas as formulas politicas e sociaes.

Foi o *jasuita* que fez de quasi todos esses republicanos que para ahi estão uns bandidos completos? Foi elle que fez ladrão o Affonso Costa? Ladrão, pulha, devasso o Alexandre Braga? Tantos outros malandros conhecidos?

Ha muito tempo que nós temos fechada á chave uma revelação gravissima contra esse homem que, sendo director d'um hospital d'alienados, cargo por todos os titulos muito melindroso, despreza os seus deveres profissionaes para andar a proclamar o fanatismo *libaral*, depois de ter sido devoto do fanatismo religioso. Trata-se, nem mais nem menos, d'esse cidadão ter mettido no hospital de Rilhafolles o marido da sua propria amante.

Este estava doido? Affirma-se que não. Contam-se peripecias interessantes a esse respeito. Tanto não estava doido que se lhe franquearam as portas do hospital logo que pessoas extranhas ameaçaram levar o caso para os tribunaes. Mas, a não ser que estivesse varridamente doido, e publicamente doido, isto é, que a loucura fosse um facto de *geral dominio publico*, e sobre o qual não existissem duvidas, nenhum homem digno, medianamente digno, d'alguma consciencia, d'alguns escrupulos, metteria no hospital de que fosse director o marido da sua amante. Ha casos em que os homens precisam, como as mulheres casadas, de *sê-lo e parecê-lo*. Este caso é d'esses.

Não era Rilhafoles o unico hospital de doidos do paiz.

Mas contra o dr. Miguel Bombarda ha muitas accusações gravissimas

Assim, não pode o director do hospital de Rilhafolles demittir empregados, sem auctorisação e confirmação do enfermeiro mór. Pois elle põe empregados na rua por motivos futeis e extranhos ao serviço e só passados quinze dias e mais dá parte á administração superior dos hospitaes, que *tudo confirma*, embora tenha, muitas vezes, a convicção de que se trata de castigos injustos ou iniquos. Dez, vinte e trinta dias de suspensão applica o dr. Miguel Bombarda aos empregados por leves faltas disciplinares, como,por exemplo, chegar uns minutos mais tarde ao serviço. Emquanto que elle abandona o hospital dias e dias, chegando a ausentar-se de Lisboa, sem que nas folhas respectivas lhe seja descontado um só dia de vencimento.

E' assim que se entende a *libardade!* E' assim a *democracia!*

As administrações superiores dos hospitaes, tanto a actual como a anterior, tanta certeza teem de que são tyrannicos, brutaes e filhos d'um desequilibrio mental, os castigos applicados por Bombarda, que admittem, em regra, nos outros hospitaes, os empregados despedidos de Rilhafolles, fazendo de conta que não teem castigo nenhum, quando é, quasi sempre, largo o seu cadastro.

Bombarda tem um filho degenerado. Não tem culpa d'isso. Mas tem culpa, e grave culpa, dos abusos que commette e tolera *por causa d'isso*.

Para subtrahir o filho á Penitenciaria, onde estaria ha muito tempo se o pae não empregasse o *truc*, a cada crime que elle commette, de o dar por doido, interna-o no hospital de Rilhafolles. Internado, a creatura desata a pedir os relogios, as correntes d'oiro e de prata, os anneis aos empregados e creados, que nunca mais os veem. E ai d'aquelle que se queixa! Passados dias, é despedido *por faltas disdiplinares!*

O doido anda por dentro do hospital em plena liberdade. Rouba tudo. Roubou o boi que puxava o carro da roupa pertencente ao hospital, burlando os compradores, que ficaram sem boi e sem dinheiro. Roubou um microscopio caro do arsenal cirurgico, cotisando-se o sr. dr. Beirão e os empregados para o mandarem desempenhar, pois tinha sido empenhado. E como se fosse pouco, rouba os homens, independente do que elles lhe *emprestam* ou lhe dão, e seduz as empregadas, como succedeu com uma ainda menor, L. C. que foi despedida e,com uma filha nos braços, abandonada.

E' assim a *democracia!* E' assim a *libardade!*

Note-se: quem tem a culpa de tudo são os *jasuitas*. Foram elles que fizeram doido o filho do Bombarda. E o pae!

O mariolão não se limita a seduzir as raparigas do hospital. Quando está *doido*, depois dos roubos e falsificações que commette, portanto qnando está internado em Rilhafolles, sahe, para ir visitar as amantes... de fóra do hospital. Acompanha-o um empregado. E em quanto o doido *faz amor*, o empregado fica á porta, á espera!

Percebe-se: quem tem a culpa de tudo isto é o *jasuita*. O *jasuita* é que fez malandro o Affonso Costa, malandro o Cunha e Costa e... segue, até ao filho do Bombarda. E tambem foi o *jasuita* quem metteu como doido no hospital de Rilhafolles o marido... da amante rica do Bombarda.

Sua Excellencia ordenou agora aos empregados e creados que usassem gravatas ou lenço encarnado. O fiscal do hospital Estephania, vendo alli apresentar-se os creados de gravata encarnada, repontou, advertindo-os, por ordem do Enfermeiro mór, de que os não queria tornar a ver tão *vermelhinhos*. Os homens participaram o caso a Bombarda. E Bombarda replicou *que continnassem*, porque o sr. Enfermeiro mór não mandava nada no seu hospital.

Uma pouca vergonha desaforada. Uma grandissima pouca vergonha. Mas o homem berra por *libardade*, o homem grita contra os *jasuitas*, o homem clama que é *livre pensador*, o homem faz conferencias, o homem vae aos comicios, o homem faz barulho, e então quem manda é elle, como o ladrão do Affonso Costa, como o pulha do Margarido, como o birbante do Cunha e Costa, como o bebedo do Alexandre Braga, bebedo, caloteiro, batoteiro, tudo, como o malandrão do Silva Graça, como todos quantos berram e fazem barulho em Portugal. Enforque-se o *jasuita* e viva a *libardade*.

O que é preciso é isto: enforcar o *jasuita*. E está salva a humanidade!

Ah, malandros, que destes com o Beirão e com o Dias Costa e com todos os Beirões e Dias Costas conhecidos, ... *libaralões* como vós. Senão, o *jasuita* seria enforcado, quando o merecesse. Mas vocês todos já teriam deitado ha muito, ha muito tempo, quatro palmos a lingua de fóra.

Eduardo VII

Já estava impresso o ultimo numero do *Povo de Aveiro* quando recebemos a noticia da morte de Eduardo VII. Por isso não prestámos ao grande morto a nossa homenagem. Hoje é tarde. Alem d'isso diz tanto e tão bem o nosso prezado e talentoso amigo, auctor das *Cartas Lisboetas*, sempre tão judiciosas e ponderadas, que não poderiamos, da nossa banda, dizer mais nem melhor. Adoptamos inteiramente as suas palavras, que reflectem todo o nosso pensamento.

Sempre tivemos uma grande admiração pela Inglaterra. Ha muitos annos que defendemos calorosamente a sua alliança com Portugal, sendo nós o primeiro republicano que o fez abertamente n'esta terra, pondo termo ao velho jacobinismo de repellir, em nome da republica, e injuriar a Inglaterra. E poderosamente concorremos para orientar n'esse sentido a opinião republicana. Isto tudo, junto ás elevadas qualidades que Eduardo VII possuia, e á sua manifesta sympathia pela terra portugueza, faz com que deploremos a morte do grande rei, considerando-a uma grande perda para a Inglaterra, para o mundo, e para o nosso paiz em especial.

Alexandre Herculano

Mandam-nos um numero do *Reporter*, de 28 de junho de 1888, para n'elle vermos algumas opiniões d'Alexandre Herculano, e assim fazermos melhor idéa da insensatez com que ahi se imputam ao grande historiador opiniões que elle nunca teve, antes, algumas, diametralmente opostas ás que sempre sustentou.

O *Reporter* era então dirigido por Oliveira Martins. Alexandre Herculano tinha mantido correspondencia activa com Oliveira Martins. E são trechos das cartas que Alexandre Herculano lhe dirigia que Oliveira Martins publicava n'esse numero do *Reporter*.

Falando de intelligencia e de vontade, dizia Alexandre Herculano.

> Sempre tive grandes duvidas sobre a doutrina de superioridade das intelligencias; isto, é, da differença de intelligencia a intelligencia, quando estas são completas. No que acreditava, na epocha em que pensava n'essas cousas, era na superioridade das vontades. O *querer* é que é raro; e tenha a consciencia de que fui um homem que *quiz* nas coisas litterarias. Desde que perdi o querer, cahi na vulgaridade. Hoje não passo de um homem vulgar.
>
> . . . . . .
>
> F. é uma intelligencia completa e uma grande vocação litteraria, mas uma fraca vontade: *gosta* de fazer ruido; *deseja* adquirir reputação; não possue, porém, o *querer* robusto, que vai até ao sacrificio, que vae até ao martyrio, e que é preciso para se tornar um homem verdadeiramente superior. Achou a porta do obstruso synthetico e symbolico engrinaldada de maravalhas francezas: metteu-se por elle; e o resultado ahi temos...

Falando de formas de governo e do principio representativo, dizia:

> V. reconhece que este paiz encerra um povo exhausto da seiva moral. Não o perdeu a liberdade: vinha perdido do passado; e acabaram de o perder certas influencias francezas de diversas especies, que não sei se são democraticas, mas que de certo não são liberaes. A liberdade o que fez foi descobrir o que, em parte, os parches do absolutismo tapavam. O mal está antes no paiz do que nas instituições. Dou-lhe quatro paizes comparativamente pouco importantes, como o nosso, e constitucionaes, a Belgica, a Hollanda, a Dinamarca, e a Suecia. Aponte-me um dos maus resultados praticos, attribuidos em Portugal ás instituições representativas, que se dê ao mesmo tempo em todas aquellas quatro nações. Se não o encontrar, é obvio que esses maus resultados não derivam das instituições. Podem ellas facilitá-los; mas a sua causa verdadeira está forçosamente n'outra parte.
>
> . . . . . .
>
> Para quem tem estas crenças, a questão das monarchias e das republicas é uma questão secundaria. Se entende que a monarchia corresponde melhor aos fins, prefere-a; prefere a republica, se entende o contrario. Tão illegitimo acha o *direito divino* da soberania régia, como o *direito divino* da soberania popular. Para elle a soberania não é direito: é facto—facto impreterivel para realisação da lei psychologica,e até physiologica da sociabilidade, mas em rigor negação, porque restricção, nos seus effeitos, do direito absoluto, e cujas condições são, portanto, determinadas só por motivos de conveniencia pratica dentro dos limites precisos da necessidade. Fóra d'isto, toda a soberania é illegitima e monstruosa. Que a tyrannia de dez milhões se exerça sobre um individuo, que a de um individuo se exerça sobre dez milhões d'elles, é sempre a tyrannia, é sempre uma cousa abominavel.
>
> As idéas democraticas tendem pela sua indole a apoucar o individuo e a engrandecer a sociedade, se é que eu as comprehendo. E' por isso que, nas trevas do seu pensar, a democracia estende constantemente os braços para o phantasma irrealisavel da egualdade social entre os homens, blasphemando da natureza, que, impassivel, os vai eternamente gerando physica e intellectualmente desiguaes. E' por isso que ella acreditou ter feito uma religião séria d'esse phantasma, quando o que realmente fez foi inventar a idolatria do algarismo; e cobrindo com capa de purpura a mais ruim das paixões, a inveja, enfeitou-a com um vago hellenismo, cuja definição, seja qual fôr, nunca resistirá a uma severa analyse. (1)
>
> Tenho lido muitas vezes a palavra *democracia*; tenho-a ouvido proferir outras tantas. O que nunca li, nem ouvi, foi uma definição precisa e rigorosa d'ella. Não falo, já se vê, da definição philologica do diccionario.
>
> A mais avantajada idéa que faço de uma republica democratica é a que me subministram, depois de uma communidade de franciscanos (não creia que motejo) os Estados-Unidos da America. Mas a minha intelligencia amotina-se contra a conversão do homem em molecula. Repugna-me vê-lo apoucado, quasi annullado, diante da sociedade, e esta, pessoa moral, individuo collectivo, artificial, subrogando-se ao individuo real. Resume-se n'isto a indole da grande republica americana. Nas democracias, a igualdade fabrica-se mergulhando-se as cabeças que se elevam e fluctuam acima das vagas populares, na torrente das vontades irreflexiveis e inconscientes que se precipitam para o imprevisto só porque as paixões as arrastam. E este mergulhar é eterno, porque a realidadade, a verdade natural, protesta eternamente contra elle.
>
> Além d'isso, morro sem acreditar que as instituições democratico-republicanas convenham á velha Europa, (1) sobretudo a estas sociedades, meio-romanas, meio-germanicas na indole, e celto-romanas na raça, que estanceiam ao occidente. Digo mais: duvido de que convenha á America meridional, á America da gente latina. Explicam muitos a opulencia, o poder, a actividade immensa dos Yankes pelas suas instituições democraticas, comparando os Estados-Unidos com o Brazil, paiz monarchico-representativo. A historia e os factos extra-historicos encarregam-se de explicar isso de outro modo. Servem ao intento a origem da raça, a natureza do clima, a fertilidade e immensidão do territorio. E' a mesma illusão do *cum hoc, ergo propter hoc*, que ha, em sentido inverso, quando se apreciam as instituições simplesmente liberaes. Mas quando assim fosse, quando a grandeza dos Estados-Unidos fosse indubitavelmente resultado do seu organismo politico, ainda a avaliação comparada dos effeitos d'este com os effeitos do liberalismo no Brazil daria conclusões falsas, porque nem os elementos do calculo seriam completos nem a formula adequada. Em vez de uma simples comparação, deveria fazer-se uma equação: Distarão mais os progressos do Brazil dos da America do Norte, do que distaram os de Portugal nos começos d'este seculo dos da Inglaterra nos fins do passado? Talvez a resposta a esta pergunta fizesse pender a balança entre as duas nações americanas a favor da mais atrazadas. Depois, porque se mostram inefficazes as instiuições republicanas nos estados de origem hespanhola? E' que a Hespanha na epocha em que as suas colonias se emanciparam, não valia em relação ao progresso, mais do que Portugal.
>
> Na historia, o que, geralmente fallando, constitue a principal feição do republicanismo democratico é o servir de prologo ao cesarismo. Os Estados-Unidos e a Suissa são a excepção. Se o organismo da grande republica americana não teve ainda tempo de fazer a sua demonstração de solidez, porque 80 ou 100 annos são breve periodo na vida das nações, a da confederação helvetica é já sufficiente e aceitarei como provada a dos Estados-Unidos. Mas não estará a explicação d'estas excepções n'algum facto menos apparente, e quasi esquecido, que se désse nas origens d'essas duas sociedades e que excepcionalmente radicasse nas respectivas populações a indole, as convicções, e os habitos, e, direi até, as preoccupações e o fanatismo democratico? Eu creio que sim, e que esse facto não é difficil de achar. São na essencia o mesmo o calvinismo e o puritanismo, e o calvinismo penetrou tão profundamente na vida moral dos suissos, como o puritanismo nas antigas colonias inglezas emancipadas. Mas o calvinismo e o puritanismo que são, senão a democracia republicana na sociedade espiritual? A vida politica das duas sociedades foi, digamos assim, uma prolação da sua vida moral. Quando as instituições e as idéas politicas de um povo derivam das suas crenças e instituições religiosas, a manutenção tenaz das primeiras nada tem d'extraordinario.
>
> São justamente considerações d'esta ordem que veem fortificar a minha persuasão de que, independente do seu merito ou demerito absoluto, a democracia repugna ás nações occidentaes da Europa, educadas pelo catholicismo que, na pureza da sua indole, é o typo da monarchia representativa. Seria preciso ignorar a immensa influencia que as religiões teem no desenvolvimento intellectual e moral das grandes familias humanas, na formação lenta da sua indole particular, para não perceber quão difficil é dar um caracter, não só novo, mas até opposto, ao seu organismo social e politico.

(1) Mas diz o João de Menezes, e com elle todos os Menezes, que se Herculano fosse hoje vivo seria . . . republicano!

(1) O que nós por outros termos, sem duvida peores termos, mas ignorando completamente a existencia d'estas affirmações de Herculano, temos dicto mil vezes no "Povo de Aveiro,.

A questão Hinton

Funchal, 26 d'Abril de 1910

. . . Sr. Redactor de *O Povo de Aveiro*

Leitor assiduo do brilhante jornal de V., e admirador sincero do seu intemerato caracter, ao passar-me por deante dos olhos aquella desoladora phrase de V.—« *Não haverá uma alma caridosa que nos elucide*? senti pruridos de, pela primeira vez, escrever para um jornal, para o *Povo de Aveiro*.

Se estas despretenciosas linhas merecerem a honra da publicidade no patriotico, inimitavel, incomparavel e sobretudo intrepido *Povo de Aveiro*, ficarei verdadeiramente ufano.

Pergunta V. quem paga ao ladrão do Centeno e ao canalha do Affonso Costa para atacarem a questão saccharina. Dir-lh'o-hei a seu sempo sem receio de desmentido.

Agrada-me a franqueza de V. em declarar que nada conhece do assumpto e que se fora ministro viria á Madeira estudal-o. Bravo! Assim é que é falar verdade.

O ladrão do Centeno, o pulhasca do Affonso Costa, o cynico do Alexandre Braga, o burro do Teixeira de Sousa, o imbecil do Pequito, o magico do Espregueira, o asno do Wenceslau de Limr, o pedante do Reimão, o encyclopedico do Moreirinha, o bronco do José Ribeiro, o *burra* do João Pereira, o cabeçudo do Soares Branco, não sabem mais do assumpto. E, mettendo-se a falar do que ignoram, fazem berrata, dizem palavrões, preconisam asneiras, ensandecem-se e ensandecem os outros. Tornaram do parlamento um pandemonio, uma tribuneca reles, onde se não respeitam, nem senhoras, mesmo estrangeiras, talvez mais dignas do que as companheiras d'esses labregos, sem um presidente que chame á ordem essa canalha, sem um ministro ou um deputado bastante digno que proteste contra semelhante infamia.

Tal soalheiro deveria ser expropriado por honra da nação, por dignidade do povo e por brio do nome portuguez.

Não sabem nada, nem querem saber e só declamam palanfrorio.

* * *

Mas, queriamos propriamente occupar-nos da questão saccharina e consequentemente para ella volvemos.

Cumpre declararmos que, republicano por principios, não nos podemos associar a essa *tropa*, sem dignidade nem honradez, que para ahi blasona de republicana, porque não nos achamos dispostos a ser *pulhas de bem*.

Não nos move o partidarismo, mas, tão sómente, o amor da Madeira.

O decreto de 95 e depois o de 903, poderiam ser algo ruinosos para o Estado, nunca para a Madeira. Quem o contestar mente, como mentido teem alvarmente, o ladrão do Affonso Costa e o abafa ladrões do Teixeira de Sousa e toda a demais cafila.

Um decreto a cuja sombra a cultura saccharina quadruplicou (passou de 20 mil toneladas a 70 mil) sem diminuição de valor, sendo a unica cultura remuneradora, d'esta ilha malfadada, não pode ser ruinoso para ella. Não o é. Sobre ella gira toda a economia do districto.

Sel-o-ha para o estado?

O estado perde, é verdade, alguns contos de reis com a protecção á industria saccharina; mas recebe, por outro lado, annualmente cerca de mil contos, em impostos directos e indirectos, que esta infeliz enteada produz á metropole madrasta, sem sombra d'outro beneficio.

Quer isto dizer que o decreto é bom e o projecto melhor?

Não, absolutamente não!

O decreto é um parto monstruoso d'um cerebro degenerado. Mil alçapões e portas falsas se deixaram abertas para os sophismas.

Não podemos entretanto incriminar o rei D. Carlos. Quiz o fomento agricola da Madeira e conseguiu-o.

Falta-nos entretanto a energia, a força, a coragem para exigirmos o cumprimenio exacto, rigoroso, integerrimo das clausulas d'esse contracto, que, embora mau, poderia trazer nas actuaes circumstancias bons resultados.

* * *

Quem, entretanto, armou a lingua do bandalho do Affonso Costa em estylete contra o projecto e contra a Madeira?

Blandy e só Blandy.

Não queriamos citar nomes, mas somos a isso obrigados.

Blandy considerou-se durante muitos annos o senhor da Madeira. Em Inglaterra, desprezado pelos seus compatriotas, pela sua condição humilde, embora endinheirado, julgou elevar-se chamando á Madeira *a minha ilha*, apresentando-se como soba d'este pequeno povo tão visinho da Africa.

Durante cerca de *trinta annos* dominou só nesta terra desgraçada, escravisando-a, traficando com os mais caros interesses d'este infeliz torrão, e espesinhando quantos, naturaes ou estrangeiros, aqui quizessem levantar a cabeça. Ainda me recordo contristado das lagrimas do velho Autchison, o inglez mais honrado que a esta terra aportou, e a quem o desalmado reduziu á miseria. Todos os madeirenses se lembram da guerra desleal,feita por esse vampiro do sangue d'este povo, ao Cory, Wilson, Gonsalves, Reid, a todos quantos não sejam elle. Viu deante de si um concorrente temivel. Estimado de principes e de reis, captivante, *true gentleman*, em contraste com a habitual grosseria que todos lhe conhecem a elle, Blandy, era necessario desfazer-se d'elle.

Tarefa impossivel para si só. Chamou os seus companheiros de falsificação de vinhos, formam um *trust* contra Hinton e eil-os em acção.

Erskine, genro de Blandy, chefe do syndicato, passa procuração ao pulha do Affonso Costa; Verissimo, solicitador e agente de negocios de Blandy, em Lisboa, distribue as competentes *massas*, em nome do syndicato, o dinheiro corre, Affonso Costa berra; Centeno ralha; Alpoim declama e Teixeira de Sousa imagina com isso derrubar o governo.

Emquanto o chefe da patrulha d'este ultimo, aqui na Madeira, preside a comicios, assigna telegrammas, e defende *à outrance*, no seu jornal, o projecto, elle esbaforido na camara estigmatisa o que hontem preconisou!

Precisavamos de um vulcão de lama para atascar todos esses pulhas, velhacos, trastes, bilontras, biltres, sem vergonha nem dignidade.

Tinha V. razão quando escreveu que começava a *suppor que Hinton era homem honrado!*

Fez bem em não affirmar cathegoricamente.

Honrado . . . quanto um negociante costuma ser!

Para a Madeira, todavia, é um benemerito.

Toda a sua intelligencia e actividade aqui tem sido applicada, aqui tem todos os seus haveres, madeirenses são os seus empregados, madeirense se considera elle, pois aqui nasceu, mas pede a intervenção do governo inglez!

Raios os partam se os percebo.

Ahi ficam, Sr. redactor, os esclarecimentos que lhe posso dar com toda a sinceridade. Acceita-os?

Publique-os.

Quer mais informações sobre este ou outros asumptos?

Reclame, que serão fornecidas.

Acha que não devem ser publicados estes borrões?

Nem por isso deixarei de ser

De V. admirador sincero
Um madeirense republicano á antiga

Temos em nosso poder uma carta, tambem da Madeira, contraria a Hinton.

Sahirá, no numero seguinte.

E' para nós uma questão aberta. E só depois d'ouvirmos bem uns e outros, poderemos formar o nosso juizo.

CARTAS LISBOETAS

12 de maio.

A morte do rei Eduardo VII, pranteada em todo o mundo e por todos reconhecida como uma enorme perda não só para o grande paiz que é a Inglaterra como para a raça de que o povo Inglez é um dos mais altos representantes, constitue de facto um acontecimento doloroso que não podia deixar de sentir-se profundamente, especialmente em Portugal cujas relações politicas e diplomaticas com a Inglaterra são tão intimas e veem de tão longe.

A figura de Eduardo VII não se esquissa em dois traços e se o lapis de Carpiello nos daria em meia duzia de sóbrias linhas a silhoueta do principe boulevardeiro, não é nas apertadas columnas d'uma gazêta, escrevendo ainda sob a impressão extranha da sua morte, que se poderá dizer o que foi esse homem que a Inglaterra chora com funda mágua, que todo o mundo chora com sentido pesar.

O rei morto era um excellente homem e o homem, que teve uma tão larga e clara mocidade, soube ser um excellente rei, e é talvez por isso que a impressão produzida pela sua morte foi tão funda no seu paiz e se estendeu a todos os pontos do mundo, a toda a parte onde havia chegado o seu nome, que o mesmo é dizer a todos os recantos onde chegou já um pouco de civilisação.

Por qualquer dos prismas por que queiramos encarar a sua individualidade sempre Eduardo VII nos apparece grande, e o fundo nobre do seu alto caracter sobresae como um diamante de fino quilate engastado por mão de artista habilissimo n'um bloco rijo de ouro de lei.

Assim, o mundo politico em geral, todo o mundo politico, chora no filho da rainha Victoria um dos maiores estadistas contemporaneos, e não ha ninguem em Inglaterra, mesmo aquelles que, como Joseph Chamberlain, não eram sympathicos ao monarcha, que não reconheça que a sua morte representa uma grande perda no ponto de vista das relações internacionaes.

E os sportmans, os dandys, os artistas, os inglezes pelo orgulho do seu principe, os parisienses na sympathia pelo seu amigo, sentem fundamente o seu desapparecimento e com razão pensam que elle não será facilmente substituido. Teve o filho da rainha Victoria uma mocidade livre, quasi turbulenta? Que importa, se elle soube sempre ser homem e se, chegado o momento de pôr na cabeça a corôa do imperio, soube ser rei, sem se esquecer de que era um homem?

Podem, talvez, moralistas ferrenhos censurar-lhe desvarios de mocidade, mas na sua hypocrisia de maldizentes—porque, em regra, os ditos moralistas fizeram peor ou se o não fizeram foi porque não poderam—o que elles não poderão negar, o que todos sômos obrigados a reconhecer é que esse principe, talvez o mais popular de todo o mundo, desce ao tumulo coberto de bençãos e deixando um fundo rasto de saudade a nimbar-lhe a memoria, de saudade que se não esvairá facilmente.

Claro, ninguem seria capaz de affirmar que Eduardo VII, isolado, sem bons ministros, sem habeis cooperadores, fosse capaz de levar a cabo a sua grande obra politica. Mas a verdade é que elle comprehendeu como poucos o seu papel de chefe de Estado moderno e soube como poucos ser no seu paiz, ainda no meio das luctas desencontradas das facções, um elemento forte de ponderação, e tanto a velha aristocracia britannica como a forte democracia inglêza deploram fundamente a morte do seu rei, como em vida respeitavam a sua auctoridade.

Não é facil ser um bom rei, mas é bem mais difficil criar um bom povo, e, agora, olhando para o que se passa em Inglaterra, olhando com olhos de vêr, sem se deixar impressionar demasiadamente, olhando como estrangeiros, como observadores, sômos levados a concordar com o que ha dias escrevia um jornal de Lisbôa a proposito da impressão causada por esta morte, que se é verdade que Eduardo VII foi um grande rei, o povo inglez é tambem um grande povo.

Grande porque ama o seu rei? Maior ainda porque se respeita a si proprio. Porque teve a noção do dever, a comprehensão exacta da liberdade, a ideia tanto quanto possivel perfeita da justiça, o amor acrysolado pelo trabalho.

E para que, governando o grande povo inglez, Eduardo VII podesse ser, sem contestação, considerado um grande rei mister era que o principe morto fosse alguem, que a sua individualidade se destacasse fundamente no seu meio, que tivesse auctoridade.

Sim, porque a Inglaterra não é esta nossa risonha Parvonia onde um pedante qualquer com duas regras de grammatica pode passar por jornalista e um prégadôr de feira consegue, por vezes, dar-se ares de tribuno.

Eduardo VII foi educado para rei, com a saudavel educação ingleza e teve a bôa fortuna de ter a seu lado homens de governo, homens de trabalho, de estudo, de acção. Homens de alto talento, homens de alto caracter. E assim se explica que elle podesse levar a cabo a sua obra, e que a sua obra politica fique e possa ser salutarmente continuada.

Porque em Inglaterra o que se faz porque é bom, fica porque é util, porque é bom. Sendo um paiz de reformas, apesar do seu tradicionalismo, não é um paiz de reformécas, de faz-e-desfaz, como alguns outros onde se estiolam, á sombra de regimens gastos, exploradas por democracias de pura especulação, raças em manifesta decadencia, como aqui no alegre Portugal e alli na visinha, zarzuelesca Hespanha.

* * *

Viria um pouco a proposito fallar da alliança ingleza, que a inconsciencia do *gravatinha* e a especulação canalha d'uma certa raça de mentores tem apresentado como um mal, n'esta hora da morte de Eduardo VII... Seria, talvez, de utilidade lembrar o acêrvo de extraordinarios disparates que teem apparecido nas folhas jornalisticas a proposito da nossa velha ligação com a Inglaterra... Mas é hora de lucto para a nação amiga, sim, e hora de pesar para nós e por isso o que cumpre aos que amam a justiça é registar com certa consolação que de todos os pontos do globo chegam a essa bella filha do rei Christiano as mais sentidas demonstrações de pesar pela morte do seu marido e do seu rei.

Não é hora tambem, para estabelecer confrontos entre o civismo do povo inglez e a imbecilidade anarchisada, ou, talvez melhor, melhor, sem duvida, desmoralisada do que se chama povo portuguez.

Mas é bom que pensemos um pouco, agora que todos querem fazer vida nova, que todos fallam em regeneração nacional, em rejuvenescimento da raça, em erros que veem de longe e em males que veem por bem, que é preciso, de facto, e quanto antes e seja de que forma fôr, dê no que dér, seguir caminho novo.

Está ahi no throno um rei que é um rapaz, a quem a vida não sorriu no melhor da sua mocidade, obrigado a governar um povo de analphabetos, trocando a vida de marinheiro pela de chefe de Estado.

Ninguem pode exigir d'esse rapaz que elle venha a ser o que foi Eduardo VII, já porque Portugal não é a Inglaterra, já porque não ha ahi ninguem, absolutamente ninguem, que se approxime dos estadistas inglezes que rodearam o filho da rainha Victoria. Mas que os seus aulicos, que os seus conselheiros, que os seus ministros, que os seus amigos procurem fazel-o um homem, emquanto os outros vão criando o povo.

Quando o povo surgir é possivel que venha um novo regimen, mas quando o novo regimen vier não ha de ser a intolerancia democratica que ha de dominar, nem as camarilhas das facções quem ha de dar as cartas. Ou não se fará nada ou se ha de fazer obra que fique.

E deixemos crearem-se partidos novos, n'uma incomprehensão do momento historico que atravessâmos, esphacelarem-se partidos gastos na solução logica da miseria a que chegámos.

Portugal não se salva senão modificando tudo, radicalmente tudo. Leis, costumes, homens. Criando um espirito democratico, de liberdade, de tolerancia, de justiça. Educando no amor da verdade as gerações que chegam. Liberdade no ensino, não para protecção dos cabulas, mas para garantia dos trabalhadores, dos fortes, dos capazes.

E se é possivel que portuguezes pensem minutos seguidos em um assumpto, que a sympathia que todo o mundo agora demonstra pela Inglaterra nos faça meditar um pouco na indifferença com que por todo o mundo sômos olhados e do nosso isolamento procuremos alguma licção de proveito.

Perdemos em Eduardo VII um amigo, mas contâmos com a amizade da Inglaterra.

Procuremos em Jorge V não um protector, mas um amigo, tambem, e, mais ainda, procuremos merecer a amizade do povo inglez a quem n'esta hora de luto devemos enviar as expressões do nosso pesar, levando em nome d'um povo de marinheiros o testemunho da nossa sympathia pelo marinheiro que vae dirigir os destinos d'esse outro povo de marinheiros, e á desolada mulher que foi uma excellente esposa e uma excellente rainha a demonstração da nossa magua que ella saberá comprehender como ninguem e que é tão grande quanto pode ser a de extrangeiros que viram desapparecer um seu amigo.

BELGAVINO.

Essa agora!

Diz-se que Wenceslau de Lima é o paranympho de Teixeira de Souza no seu proximo noivado ministerial. Sem rebuço se declara que ha entre elle, Teixeira de Souza e Pimentel Pinto, conferencias no Hotel Bragança. E que o fim exclusivo d'essas conferencias é aproveitar a influencia de Wenceslau no Paço.

Ora valha-nos Deus, valha-nos Deus!

Não podiam, ao menos, ser mais recatados? Que diabo de funcções exerce o Wenceslau no Paço?

Então o Paço ja precisa d'alcoviteiros?

O melhor seria declara-lo pelo *Diario do Governo*. Alcoviteiro mór, para o Wenceslau, quadrava. Ficava-lhe a matar!

Haja juizo, que tanto falta n'esta terra.

Pulhas todos

Continuemos a ver como estes pulhas, hoje todos de mãos dadas, e acclamando o rei dos bandidos como *rei dos homens*, definiam em tempos idos, mas bem proximos, o grande miseravel.

Sob o suggestivo titulo *O criterio scientifico e o doutor Alonso*, escrevia Bruno na *Voz Publica*, numero 3628, de 11 de janeiro de 1902:

«Entre os innumeros narizes-de-cêra da rhetorica estafadissima do dr. Affonso Costa, contam-se, primacialmente as constantes e philauciosas referencias á Sciencia.

Na verborrêa d'este declamador jámais destaca uma palavra viva, com cunho e aresta. Em contraste, abundam as phrases feitas com pretensões a um sabor espiritual.

A todo o instante, ellas apparecem, taes como: *a disciplina mental, o actual momento historico, a positividade,* etc. Esta penuria, para o dr. Costa parece-lhe um thesouro.

Este Costa é o typo perfeito do *Coimbrão*.

Sabe-se o que seja, na immensa basofia universitaria: — audacioso, pilritoso.

Aqui vae quatro para cinco annos houve um concurso na Academia Polytechnica do Porto para o provimento da cadeira de Economia Politica, vago pelo fallecimento de Rodrigues de Freitas. Succedeu que, á data, se encontrasse enfermo o substituto Oliveira Lobo. O governo nomeou, para preencher o numero dos arguentes, o dr. Affonso Costa, que era e é lente de economia politica na Universidade. Veiu o dr. Affonso Costa ao Porto. Sentou-se nas cadeiras dos professores da Polytechnica; e vexou toda a gente pela irrisoria sobranceria com que desatou a fallar na Sciencia, nos processos organicos da Sciencia, na positividade da Sciencia e congeneres banalidades *ejusdem furfuris*. Analogos farelorios.

Não sentia este inconsciente o extremo ridiculo de que se estava cobrindo assim, elle, bacharelorio formado em direito, sem nenhuma educação scientifica positiva, tendo passado, tão só, no Lyceu, pela arithmetica e geometria plana e pelos rudimentos da physica e da botanica ministrados homeopathicamente nos compendiosinhos do Langlebert.

Mas . . . a Sciencia, os processos organicos da Sciencia, a positividade da Sciencia . . . Analogos farelorios. Alli, na presença e a companhia com professores do alto calculo, da geodesia, da astronomia, da mechanica, da cristallographia. Um humanista, bacharel ou doutor ou coisa que o valha em direito! E' espantoso . . . A Sciencia, a Sciencia, a Sciencia!

Como aquell'outro cathedratico, collega d'este Costa, de theologia, esse o *Gata-pellada*, que, quando se começou em Coimbra a fallar da illuminação a gaz e do telegrapho electrico, abanava dubitativamente a magistral borla e dizia:

« Nada, isto de luz sem torcida e de campainhas tocadas de Leiria, não é cá para nós, os homens da Sciencia.»

Homem da Sciencia, á laia do *Gata-pellada*, não se esquece de proclamar que o é este Costa facundo.

Vae em tres para quatro annos houve no Porto, n'um quintal da rua do Bomjardim, um comicio convocado pelo partido republicano para protestar contra novos impostos e outras medidas de fazenda decretadas pelo governo. Tinham discursado o sr. Nunes da Ponte e outros oradores. Precisamente acabara de fallar Bazilio Telles, quando se levantou, por seu turno, o dr. Affonso Costa. E começou por esta prodigiosa inconveniencia: — que elle era professor de economia politica na Universidade de Coimbra e, portanto, elle é que estava auctorisado a discutir as medidas de fazenda do ministerio. E que, assim o fazendo, declarava que essas medidas eram contrarias á economia politica, e declarava-o em nome da Sciencia de que elle, alli, era o representante. Luz sem torcida e campainhas tocadas de Leiria, não são cá para nós, os homens da Sciencia. Elle é homem da Sciencia.

Homem de paz é que elle não é. Porque, vindo de Coimbra para o Porto e sendo, mais ou menos, extranho aos attritos e desintelligencias locaes, o seu papel (se elle fosse dotado da menor sombra de capacidade politica) devia ser o de conciliar, o de apaziguar; nunca o de acirrar, o de irritar. Pelo contrario, toma a iniciativa de aggredir, á falsa-fé; e de provocar, á traição.

Emfim, não é homem de paz; mas, em compensação, é homem de Sciencia.

E por isso é que preza os artigos escriptos do nosso collega, sr. José Pereira de Sampaio (*Bruno*). Porque considera (assim o disse) os artigos d'esse jornalista inspirados num *criterio scientifico*.

Tão bom, tão util, tão racional e tão leal é, para o dr. Affonso Costa este *criterio scientifico* dos artigos de Bruno, que esses artigos, no seu modo de ver, accrescenta o dr. Affonso Costa, *prejudicam a acção ao partido republicano*. E, comtudo, o dr. Affonso Costa assevera, concomitantemente, que reputa como sendo republicano *Bruno*, e como sendo republicano tambem o jornal a *Voz Publica*, onde *Bruno* escreve. Isto, já se vê, quando apanhado em flagrante delicto de diffamação, o dr. Affonso Costa a si proprio se desmente, retira insinuações calumniosas, dá desculpas, explica e foge.

Mas, sempre homem de Sciencia. O que em *Bruno* (aliás um hypocrita e um traidor, conforme começou pelo assignalar) o dr. Affonso Costa preza é o *criterio scientifico*.

Afinal, isto de luz sem torcida e campainhas tocadas de Leiria, sempre serão cá para nós, os homens de sciencia.

O diabo é o doutor!

Este Affonso, decididamente, sahe-nos Alonso. Não; d'hoje em diante, para nós passará a ser o *snr. dr. Alonso Costa.*»

A este proposito escrevem-nos:

«Esta foi a segunda e justissima exauctoração do comediante feita pelo partido republicano e pela penna de uma das mais altas mentalidades do partido, por todo elle considerada como tal.

E como respondeu o dr. comediante á apreciação de Bruno?

Vel-o-hão em subsequente artigo que, na mesma *Voz Publica*, vem inserto logo a seguir, artigo que tem, em grossa e negra parangona, este suggestivo titulo:

Aggressão traiçoeira. — Tentativa de homicidio pelo dr. Affonso Costa na pessoa do sr. José Pereira de Sampaio (Bruno).

Mas isto irá por dozes, para não enfastiar.

Com effeito, á critica justa e honesta de Bruno, o cathedratico falpurrio não teve outra resposta: aggrediu-o traiçoeira e cobardemente, como o faria o ultimo dos carroceiros.

Sem envergadura mental para responder ás censuras de *Bruno*, apesar de ao tempo ser director de um jornal, o ultimo dos affonsos ou *alonsos*, teve bastante covardia para aggredir infamemente quem, de ante-mão o sabia o Alonso, não podia corrigil-o n'aquelle campo desegual, pela doença e pela myopia extrema.

E o homem que todos os monarchicos, mesmo estes, respeitaram sempre foi maltratado corporalmente por este doutor brigão, tão falho de escrupulos para o fazer, como de talento para se defrontar com *Bruno* no campo que estava indicado e aos dois aberto.

Accrescentaremos que ao tempo, por todos os republicanos de valor ou como tal julgados, o Alonso foi classificado de canalha, de traiçoeiro, de tudo; e á frente, n'estes qualificativos, estava Duarte Leite; mas hoje são todos amigos— a tropa! — porque . . . *semilia semilibus* . . . »

São todos amigos, são. E são todos uns grandes pulhas.

Devemos ter em casa, e vamos procura-la, uma longa e interessantissima carta que mestre Duarte Leite nos escreveu por essa occasião.

Nós não conheciamos o bandido Affonso, nem physicamente, nem por outra qualquer forma. Physicamente, nem hoje mesmo o conhecemos. E' canalha em quem nunca pozemos a vista. Não conhecendo o canalha, não sabendo nada da questão, da sua origem proxima e da sua origem remota, mas vendo que o canalha havia sido provocado, censurámos no *Povo de Aveiro* a attitude tomada pelos republicanos do Porto contra o bandido. Então Duarte Leite, que em plena rua do Porto tinha chamado canalha e covarde ao *grande parlamentar* — já *o era* n'esse epocha, para os admiradores — escreveu-nos a justificar-se e a explicar-nos tudo.

Pois bem. Nós começámos a conhecer, desde ahi, Affonso Costa. O tempo, confirmando o conceito que Duarte Leite nos dava de Affonso Costa n'essa carta, levou-nos a combater, sem treguas, o bandido. Mas Duarte Leite, que foi quem nos esclareceu sobre o caracter do mariola, cahiu-lhe nos braços, tempos depois. E agora, junto á corja dos correligionarios, exalta o *grande parlamentar e grande homem de bem* e descompõe-nos a nós.

Que grandes pulhas! Que grandes pulhas! Todos elles!

LISBOA 11—5—910.

Sr. Homem Christo.

Sou ha muito assignante do seu jornal, e portanto seu leitor assiduo. Sou um seu camarada, que admira a sua coragem, a sua energia e o seu desassombro. E' talvez o sr. o unico homem de coragem d'este paiz de poltrões. Felicito-o pelas suas masculas qualidades, tão apreciadas no meio d'esta sociedade dessorada. Ao domingo, quando recebo o seu jornal, que devoro, passo um dia consolador, que me allivia as tristezas da semana por ver o abatimento moral dos nossos governantes e a audacia dos exploradores d'este pobre paiz, compostos da sociedade Teixeira de Souza, Alpoim, Affonso Costa. Esta sociedade quer a todo o custo escalar o poder para saciar, á custa dos dinheiros do Estado, a voracidade dos seus amigos, que andam famintos.

Para isto servem-se de todos os meios, ainda os mais indignos, reles e baixos. Os processos de que elles se servem são ignobeis. Nada os detem. Veem-se perdidos e por isso todos os meios, os mais ascorosos, lhes servem. Começam por intimidar o rei, com cartas anonymas, com ameaça de revolução proxima, relembrando-lhe a tragedia de 1 de fevereiro de 1908.

Mandam-lhe emissarios masculinos e femininos que lhe pintam o paiz sobre um vulcão que só elles podem extinguir se lhes entregar o poder. Junto da rainha, para que influa no animo do filho, pintam as mais tetricas desgraças se não lhes derem brevemente o poder. O sr. Wenceslau de Lima, transformado em instrumento d'esta quadrilha, serve a primor levando junto do rei os recados que lhe ensinam nas conferencias que as quadrilhas teem com elle no Hotel Bragança. O rei está apavorado e aperta as mãos na cabeça, sem saber o que ha de fazer.

Por um lado quer conservar o governo que é composto de homens de bem, mas acobardado perante a audacia das quadrilhas, que o paiz detesta conhecendo-lhe as manobras; por outro lado receioso das audacias sem limites, dos mais crapulosos dos politicos, que só querem comer e dar de comer ás clientellas.

Muita gente pergunta de quem é que o governo tem medo. Mas o facto é que o tem, e os audaciosos, que o presentem, batem-lhe o pé, e ameaçam levar tudo a ferro e a fogo se não lhes pozerem para ahi e immediatamente o poder'

Não se comprehende qual o motivo d'este terror dos ministros que são incontestavelmente homens honestos, que não praticaram um unico acto prejudicial ao paiz, que dispõem de todos os elementos para governar, com um partido forte a apoial-o, com a força publica a seu lado, dispondo da policia, da Guarda Municipal, do exercito, da marinha, das auctoridades, dos sellos do Estado, dos dinheiros do thesouro, emfim, de todos os elementos para metter as quadrilhas debaixo dos pés, e mais do que tudo isto da opinião publica que lhe é favoravel.

Pois então o governo, que dispõe de todos estes elementos, ha de ter medo d'estes quadrilheiros que não contam com nenhuns meios? Em que cabeças bem organisadas se mette tal absurdo? Pois pode admittir-se que umas duzias de homens tragam perturbada a vida d'uma nação, nação de cinco milhões e meio de habitantes? E não ha de haver quem metta na ordem estes quadrilheiros? E parece que não ha, porque todos os temem.

Os quadrilheiros estão todos unidos a fazer frente aos homens de bem, que, por commodismo, por covardia, por fraquesa, por egoismo, toleram a audacia d'esta corja de tratantes, que só teem em mira explorar o paiz.

* * *

O Teixeira de Sousa disse n'uma das suas celebres peregrinações que não quer o poder senão para servir os seus amigos. E bem se sabe que estes homens não vão para o poder para servir o paiz mas sim para o explorar em proveito proprio e da clientella. Este homem veio para a politica sem vintem e está hoje rico. Não teve nenhuma herança, não lhe sahiu nenhuma sorte na loteria, não consta que nenhum nababo lhe fizesse presente da fortuna, onde a foi buscar?

O Alpoim está crivado de dividas até aos cabellos. Quando os credores o apertam pede-lhes paciencia e diz-lhes que esperem que breve vae ao poder e então pagará.

A um negociante de madeiras, para os lados de Belem, consta que deve algumas dezenas de contos que promette pagar logo que chegue ao poder, e espera lá ir sem demora. O Affonso Costa, esse, tem-lhe o meu amigo posto as pustulas a descoberto, está em carne viva, deitando das chagas tal cheiro que fede a mil leguas de distancia.

Os homens querem ir ao poder quanto antes para demittirem o juiz d'instrucçao criminal e abafar o processo do regicidio, pois teem medo que d'um momento para o outro se vejam entalados, não se podendo desembrulhar. E ha de o rei entregar o poder aos assassinos de seu pae e ser connivente com elles em fazer desaparecer o processo que os pode perder d'um momento para o outro? E ha de o rei, que é um homem honrado e bem intencionado, ir feito n'este jogo? Pobre rei, pobre paiz, nas mãos d'estes galfarros!

E' verdade que o rei não tem na sua *entourage* quem o aconselhe. Junto do rei não ha uma pessoa que o esclareça, que lhe mereça confiança! Junto do rei não ha um homem de envergadura tal que tenha força e prestigio para afastar do Paço os intrigantes.

Mas como o rei lê o *Povo de Aveiro*, se o meu amigo publicar estas considerações, ha de pensar antes de entregar o poder á quadrilha e tornar-se connivente com ella que quer salvar os assassinos de seu infeliz pae e irmão. Tem a politica portugueza ainda homens de bem e de energia a quem o rei entregue o poder quando o actual ministerio sossobrar. Fuja da quadrilha que o quer perder e ao paiz.

Quer a quadrilha ir quanto antes ao poder para atascar as mãos nos cofres publicos afim de pagar as dividas e fazer calar os cães que lhe estão a ladrar ás canellas.

Quer ir ao poder para arranjar dinheiro para mandar as mezadas aos regicidas que passeiam fóra do paiz, pois o cofre dos republicanos está esgotado e teem medo que os seus cumplices deem com a lingua nos dentes e ponham tudo em pratos limpos. E' afflictiva a situação da quadrilha e por isso ella barafusta e dá uivos de raiva que atormenta ceos e terra.

E o governo, em nome da liberdade, deixa-os á vontade ameaçar todo o mundo.

A quadrilha vae para a camara repetir os mesmos processos de berratas, de patadas, de insultos, de guinchos, de esgares que nem na mais reles taberna se consentem, e o governo, que tem no regimento da camara meio de pôr cobro a taes dislates, acobarda-se e consente!

Dizem que não se pode applicar o regimento; mas João Franco applicou-o e metteu-os na ordem. Comprehendia-se que não se expulsassem os arruaceiros que não deixam funcionar a camara, se elles podessem vir fazer a revolução, mas com a certeza de que não podem com uma gata pelo rabo e que basta uma companhia da Guarda Municipal e um esquadrão de cavallaria para os fazer fugir a 7 pés, não se comprehende a timidez do governo. Querer dissolver a camara porque ha deputados que fazem barulho e não deixam funccionar o parlamento, é irrisorio.

No ministerio estão cinco militares que devem lembrar-se que se no exercicio da sua profissão lhes confiassem um posto de honra, por mais difficil que elle fosse não o abandonavam e haviam de manter-se custasse o que custasse. A cobardia que se apossou dos dirigentes d'este paiz é ignobil e só tem coragem o sr. Homem Christo que arriscou a sua profissão, e o seu futuro, pois não quiz chafurdar na lama que invadiu os homens que dirigem este pobre povo.

Se entender que estas linhas merecem publicidade no seu bello jornal, digne-se publica-las, e eu mandarei mais quando tiver occasião.

A. P.

Provincias

Lagos

Disse na minha ultima correspondencia que teria bom assumpto na occasião do julgamento do Roberto, garoto imberbe *acachimbado*, e não me enganei em parte. Os factos é que foram outros que passo a expôr.

No dia 19 chegou a esta cidade, ás 7 da manhã, o Alexandre Braga que d'esta vez não se embebedou, e, portanto, não perdeu o comboio. Veio até Lagos em juizo perfeito; é porque tivesse sido esperado pelos *Espanta Mortos, Machos e Machas* e mais *machas*, correligionarios, não poude matar o bicho como seria talvez o seu desejo. O escandalo seria enorme! Foi acompanhado até ao hotel Alves, onde almoçou, pelos republiqueiros de Lagos. Findo o almoço seguiu para o tribunal acompanhando-o, sempre, a gente mais distincta da republicanice, quer dizer: *caloteiros, vadios, ratazanas putrefactas deformadissimas, fallidos, e suppostos assassinos* e ainda o *Précuras* a quem foi aconselhado n'este jornal, parece-me, que pedisse dinheiro emprestado ao Dr. Brack-lamy para querellar o *Povo de Aveiro*.

Foi pena que um ou dois homens alli fossem á mistura para serem todos do mesmo calibre! Alguns republicanos decentes mettem-se em casa de maneira que quem apparece n'estas solemnidades são precisamente os que menos auctoridade teem. Proseguindo direi que pouco depois da chegada do Braga ao tribunal, foi aberta a audiencia, tomando assento no seu logar d'advogado, vestindo a respectiva toga (que toga tão suja) a cara balofa e alcoolisada do referido Braga, o defensor assiduo da malandragem. No decorrer dos depoimentos das testemunhas nada houve de anormal, destacando-se, apenas, a pose idiota do *Cataplasma* que tem por norma dar sempre nas vistas. Chegámos, emfim, ao discurso do Braga, tão desejado pela *Buissaria*. Alguem notou que o Braga só fizesse cavallo de batalha (alem d'andar ás aranhas) da falta de queixa, no processo, do Padre João Henrique e que tão poupada fôsse a clericalha como dizem os *Buissas*. (N'esta parte tambem eu me enganei pois sempre suppuz que houvesse comicio anti-clerical no tribunal.) Outro alguem respondeu, o que eu não sabia, ter-se o Padre Henrique esquivado a fazer a sua queixa e pedido mesmo a alguem de Lagos, ultimamente, para fazer com que fôsse posta uma pedra sobre o processo! Estava, assim, pois, justificada a benevolencia do Braga para com os clericaes, Se bate certo ou não, não sei.

Quem soffreu as invest das foi o administrador que levantou o auto. Levou pancadaria a valer pelo que o felicito com todas as forças da minha alma. Hoje, o maior elogio que a um homem pode dar-se, é o ter sido insultado pela canalha. Muitos parabens, senhor ex-administrador! Pena foi que V. Ex.a não tivesse tido a tempera sufficientemente rija para apparecer quando podia e devia em certas occasiões criticas da sua administração; e V. Ex.ª que, creio, nunca foi administrador de concelho por necessidade de viver, podia ter feito mais alguma coisa . . . mas os governos não dão força . . . . . a covardia vem de cima . . . . . e d'aqui não passamos.

Muito já fez V., Ex.a senhor ex-administrador, em não ter feito pendant com os republiqueiros, que conste, e por isso não está na contingencia de se lhe dizer que para V. Ex.o o melhor empenho era o de um republiqueiro. Já não é pouco, vamos lá, para o estado decadente em que caminhamos.

Mas voltemos ao caso do julgamento. Durante o discurso do Braga, foi notado que era a ratazana deformada quem servia de ponto ao Braga para certas referencias, como por exemplo as referencias feitas á amante d'um cavalheiro, viuvo, e, por conseguinte, nas mesmas condições do tio Jerolmo, o que não é para extranhar, nem tão indigno como o procedimento pulha do Braga, que, sendo casado com uma boa senhora, segundo dizem, tem amôres com a propria cunhada! Sendo assim, é sempre vilania jogar pedras ao visinho tendo elle telhados do mais delicado vidro. Terminou Alexandre Braga o seu discurso eram 2 e meia da tarde, e, passado algum tempo, apparece á scena a sentença do digno presidente do tribunal (oh! decepção!) annullando o processo por não ser considerado crime publico o assumpto do mesmo processo, e não ter sido a queixa feita pelo Padre.

Notem bem, annullado o processo!! E n'estas circumstancias cabe muito bem perguntar ao meretissimo juiz o seguinte: Como é que V. Ex.a, quasi no fim do anno e depois de um adiamento de audiencia, reconhece a nullidade do processo e não a reconheceu na occasião do despacho de pronuncia? Foi necessario vir a Lagos o Alexandre Braga abrir os olhos a V. Ex.a? ! E ir com certeza a rir-se de V, Ex.a? ! Em que situação collocou V. Ex.a o digno agente do ministerio publico? Permitta-me V.Ex.a que lhe diga: ou V. Ex.a commetteu um erro juridico ou andou a mangar com a tropa, o que não creio. Dizer-se que V.Ex.a se deixou sugestionar, não; porque um juiz nunca se deve deixar sugestionar, e demais um juiz como V. Ex.a, que tão recto se tem mostrado em diversas occasiões, de que eu tenho conhecimento.

Como se explica o facto de elementos escondidos do partido republicano dizerem por portas e travessas, que o processo seria annullado mesmo antes do julgamento? Estarão de futuro auctorisados os meninos á repetição de taes actos, visto que os processos serão sempre annullados... V. Ex.a, sr. Juiz, não chegou a saber, com certeza, que o *garoto imberbe* dizia que havia de chegar ao Padre, com as vestes sacerdotaes para que o escandalo fosse maior! Não será isto tambem uma offensa á Religião do Estado, que elles tanto desejam pôr pelas ruas da armargura, sem que mesmo para isso tenham motivos? O que garanto a V. Ex., senhor juiz, é que a sentença foi muito mal recebida por toda a gente limpa, d'esta cidade, quer dizer: nós não nos alegrâmos com o castigo de ninguem e certamente se acharia muito natural que na devida altura fôsse dado o despacho que foi dado no dia 19. Mas depois d'um anno . . . . . esta ideia fáz-nos scismar. Emfim, V. Ex.a foi extremamente bem acolhido pela jacobinagem que deu provas do seu regosijo pelas salvas de palmas que a V. Ex.ª foram dadas no tribunal.

E' certo que V. Ex.a repelliu dizendo não serem permittidas manifestações no tribunal e mandou evacuar a sala, mas, meretissimo juiz, eu dizia que tudo era para armar ao effeito senão fosse o digno presidente do tribunal que assim procedeu e se fosse n'outra assembléa que não o respeitoso logar do tribunal.

Já me ia esquecendo perguntar a V. Ex.a, sr. Juiz, pelos processos que V. Ex.a tem sentenciado sem que da parte do arguido tenha havido queixa. Foram tambem annullados? Ou vem algum advogado de fóra fazer essa indicação como agora o Braga? Seja como fôr, o que é certo é que passada uma hora de V. Ex. considerar nullo o processo deu-se a scena, vergonhosa, segundo me consta, de apuparem o parocho d'uma freguezia d'este concelho na occasião em que entrava na diligencia do correio a fim de seguir para a sua freguezia.

Os commentarios, que eu poderia fazer, são tantos e tão terriveis, n'esta occasião, visto a exaltação do meu espirito, que receio saiam pelos bicos da penna verdades que magoariam certamente alguem. Vou pois continuar a narração da estada, aqui, do Braga. Depois de ter terminado a audiencia seguiu o Braga, acompanhado pela mesma *malta*, com algumas alterações, para o *palheiro* do "*Virgula*„ (casa que serve para tudo quanto é indecente e ainda para receber os democratas que visitam esta cidade. E' o salão nobre dos idiotas republiqueiros d'esta cidade!)

Aquella casa, mesmo, teem-n'a gratis, pois, se a tivessem que pagar, certamente fariam o que fizeram com a casa do centro republicano, com o professor e continuo. (E' verdade, quando se resolvem vocês, miseraveis pelintras, a pagar os 27$000 reis ao professor e os 10$000 reis ao continuo?)

Alexandre Braga discursou a uma janella da referida "Virgula„ durante meia hora, ensampando (é o calão) a canalha com a costumada lenga-lenga. Seguiu para o hotel onde á porta do mesmo foram dados morras differentes e ainda aos assignantes e leitores do *Povo de Aveiro*. E' do estylo. Sobre esses morras já não faço mais commentarios, que os Buiças indecentes o não merecem.

Foi notado que o Alexandre Braga na palestra feita da janella continuasse a pôr de parte a clericalha. Suppomos que o fez ainda em homenagem ao bemfeitor João Henrique, a quem hoje despresâmos, desde que tivemos conhecimento do procedimento inqualificavel para com as pessoas que o apoiaram. O sr. João Henrique, de tanta bonacheirice, precisava *levar açoites*. Nem satisfação deu á sua classe!

Esta vae já crescida. Nem posso dar as noticias a que ultimamente me referi, mas não perdem a opportunidade, o que aconteceria a estas, que hoje dou. Findo, dizendo que ás 4 horas da tarde, do dia 19, seguiu nas *azas* dos *traidores ventos* o Alexandre Braga para Lisboa; não sei se bebedo, se não, ao som do vivorio da 'escumalha, idiota, republiqueira de Lagos. A ratazana e o tio Jerolmo ficam para outra correspondencia. Ainda temos muito reforço.

C.

Avisamos mais uma vez todos os nossos correspondentes d'esta secção de que o POVO DE AVEIRO não tem espaço para correspondencias longas. Ou se limitam, ou não são publicadas.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismi do Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praço do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrela a 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59 João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104;

F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47. Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Mofta do Ribate o**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade. **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Prefiro Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Nruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Barronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reina o. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José dos Santos.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz rua Infante D. Augusto. Polonia Palhas, Rua Borges Carneiro 6. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves. Brandão **Alcobaça**-Antonio Vazão. **Gouveia** Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escallos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luis Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Pavia**—José Couto Segundo. **Cabanas**—Julio Requixa **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Francisco José Franco. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Manuel Botelho d'Abreu Associação dos Empregados do Comercio—Central 120

Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

Primeira Loteria de 12:000$000

EXTRACÇÃO, terça feira 17 de Maio

Bilhetes a 6$400 réis
Vigesimos a 320 réis
Cautelas de 220, 110 e 60 rs.

Loteria de Santo Antonio

100:000$000

EXTRACÇÃO, a 10 de junho

Bilhetes a 40$000 réis
Vigesimos a 2$000 réis
Cautelas de 1$600, 1$100, 550
330, 220, 110 e 60 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á casa

João Candido da Silva

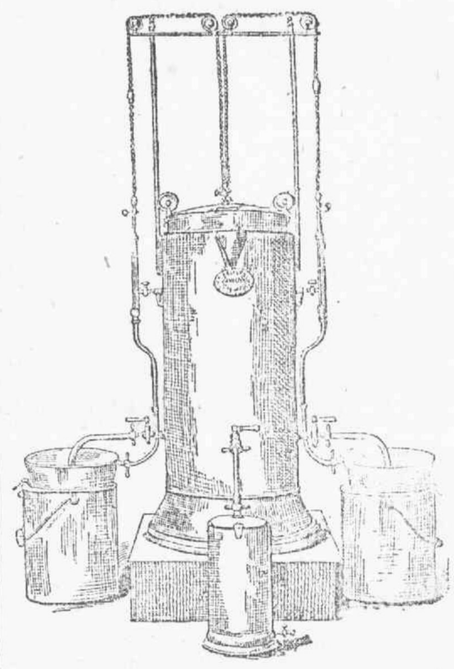
196 — Rua do Ouro — 198

LISBOA

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

LOTERIA

DA

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

100:000$000 RS.

EXTRACÇÃO a 10 de junho de 1910

BILHETES A . . . . . 40$000

VIGESIMOS A . . . . . 2$000

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 0|0 de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa 11 de abril de 1910.

O thesoureiro,

L. A. d'Avellar Telles.